



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

Mauro Carvalho Brum de Oliveira

Heródoto no Ensino Médio: Uma experiência

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Dezembro / 2016



Mauro Carvalho Brum de Oliveira

HERÓDOTO NO ENSINO MÉDIO: UMA EXPERIÊNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ensino de História – ProfHistória – da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Bastos Marques

Rio de Janeiro
2016

Mauro Carvalho Brum de Oliveira

HERÓDOTO NO ENSINO MÉDIO: UMA EXPERIÊNCIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ensino de História – ProfHistória – da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,

Aprovado em 09 / 12 / 2016

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Juliana Bastos Marques – UNIRIO – Orientadora

Profª Drª Tatiana Oliveira Ribeiro – UFRJ

Prof Dr Pedro Spínola Caldas – UNIRIO

Dedico esse trabalho a todos aqueles que acreditam que uma formação cidadã crítica é possível e necessária na escola brasileira, associada a uma formação científica, especialmente em tempos políticos tão conturbados.

Em primeiro lugar, agradeço às forças cósmicas que de alguma forma propiciam nossa existência nesse universo vasto e complexo.

Agradeço à minha esposa por seu incalculável valor em minha vida pessoal e estímulo a buscar sempre meu desenvolvimento profissional.

Agradeço à minha orientadora por sua paciência e compreensão das peculiaridades de um orientando que não dispõe de tanta disponibilidade quanto um orientando “tradicional”.

Agradeço a todos os professores do ProfHistória pelas suas valiosas contribuições, quer nessa pesquisa em si, quer em meu desenvolvimento enquanto pesquisador.

Agradeço aos meus familiares que precisaram tolerar ausências e aos colegas de trabalho que gostariam de conversar comigo sobre outros assuntos que não minha pesquisa.

Agradeço a CAPES-CNPQ, por propiciar que esse programa tenha iniciado, em 2014, e por mantê-lo em funcionamento, como uma resistência ao cenário de desestímulo à atividade docente que vivemos atualmente.

Primeiramente, Fora Temer!

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado Profissional em Ensino de História pretende analisar os resultados de uma experiência do uso de trechos da *História* de Heródoto para uma reflexão sobre o uso de fontes historiográficas em sala de aula de Ensino Médio. Uma breve análise de livros didáticos para esse segmento demonstra a ausência desse texto considerado fundador da disciplina História e aponta a necessidade de uma reflexão sobre a importância de se discutir, ainda que superficialmente, o que é o estudo da história para deixar claro aos alunos da escola regular a inteligibilidade do campo de estudo da história.

Palavras-chave: História – História Antiga – Heródoto – Ensino Médio – Teoria da História

ABSTRACT

The current dissertation from a Professional Masters Program in History Teaching intends to analyze the results of an experience of the use of excerpts of Herodotus' Histories in order to reflect on the use of historiographic sources in the High School classroom setting. A brief analysis of High School textbooks shows an absence of this text, considered a founding text of the History studies, and leads to the need of discussing, even if superficially, what is the study of history in order to clarify to the regular school students the intelligibility of the field of history.

Keywords: History - Ancient History - Herodotus - High School - Theory of History.

SUMÁRIO

I. Introdução	09
II. Fundamentação da pesquisa.....	21
III. Resultados	28
IV. Conclusão.....	37
V. Referências Bibliográficas.....	39
VI. Anexos.....	44

I.1 – INTRODUÇÃO

Os anos de 2015 e 2016 estão se revelando uma época difícil para Historiadores e Professores de História. A Base Nacional Curricular Comum (BNCC), um projeto de padronização do ensino escolar brasileiro, despertou um debate acalorado sobre o que e como ensinar. Com um argumento nacionalista e sendo elaborado por um grupo pequeno sem diálogo com as instituições de formação de professores de história brasileiras, a primeira versão do projeto – no segundo semestre de 2015 – sofreu críticas tanto das instituições acadêmicas quanto das representações docentes referentes ao ensino escolar regular. No primeiro semestre de 2016, foi reelaborada a nova versão da BNCC, que deu um tratamento “tradicionalista” para o ensino de história, conforme alguns críticos.

Os debates sobre a segunda versão da BNCC foram interrompidos por dois outros debates que mobilizaram os historiadores, na academia e na realidade escolar. O primeiro foi a queda ilegal e ilegítima da presidenta eleita Dilma Rousseff, em processo de impeachment altamente controverso dos pontos de vista jurídico e político. Tal situação levou historiadores e professores de história ao centro do debate público sobre política atual nas comparações históricas e jurídicas da queda do presidente João Goulart nos anos 1960. Tal “superexposição na mídia” levou ao reforço no debate público o projeto “Escola sem partido”, um conjunto de leis destinado a limitar os debates político, econômico, social, sexual, étnico e religioso em sala de aula. Sob o argumento de uma suposta “doutrinação” exercida pelos professores na suposta ingenuidade infanto-juvenil, propõe-se a prisão de professores que tratem de temas como liberdade sexual e religiosa, ou movimentação sindical.

O segundo debate ocorreu após a consolidação do afastamento da presidenta, quando o presidente ilegítimo e seu ministério publicam um novo projeto educacional para o Ensino Médio que reduz a Educação à Formação para o Mercado de Trabalho. Tal projeto declaradamente se opõe ao ensino de história no Ensino Médio, posto que não é conteúdo “vital” no mercado de trabalho. Tal perspectiva, que espelha a educação da Ditadura do Estado Novo dos anos 1940, tem mobilizado professores de todo o Brasil, não somente de História, mas também de Educação Física, Artes,

Filosofia e Sociologia. Longe de desestimular, esses problemas acabam por congregam os professores, em torno de sua própria sobrevivência profissional e acadêmica.

Desse modo, essa pesquisa se apresenta como uma reflexão profissional necessária do ponto de vista acadêmico e epistemológico, além de político. Necessitamos cotidianamente repensar e reafirmar a nossa prática diária da docência da história em escolas regulares dentro de um contexto consideravelmente hostil. Dentro desse quadro, Heródoto de Halicarnasso foi o autor escolhido para ser utilizado em sala de aula de Ensino Médio para clarificar a complexa inteligibilidade do fazer histórico. A escolha pelo “pai da história” não se dá como uma exaltação superficial de Heródoto, mas com o objetivo de inserir o adolescente em um debate intelectual e político mais amplo, sobre o que é e como se constrói o conhecimento histórico.

É que existe um fascínio de Heródoto: ele é este pai que é preciso sempre evocar ou invocar, o fantasma que é preciso conjurar, o espectro de que é preciso desembaraçar-se. (HARTOG, 2014:33)

Nascido por volta de 480 a.C. em Halicarnasso – na atual Turquia - , morto por volta de 420 a.C. em Túrios – na atual Itália, tendo viajado pelo que chamamos hoje Turquia e Oriente Médio, além do Egito – até hoje famoso pela sua classificação de “Dádiva do Nilo”. Autor das *Histórias*, texto em prosa lido publicamente – completo ou pelo menos parcialmente – na Atenas comandada por Péricles em 445 a.C., influenciou uma sequência de pensadores dos quais somos, na tradição ocidental, herdeiros intelectuais. Por “herdeiros” não devemos entender “repetidores”, mas visceralmente influenciados, porém com identidade própria.

Para os historiadores profissionais, Heródoto é uma figura inicial, mesmo que não necessariamente “fundadora”. Tradições construídas e reconstruídas através dos séculos que nos separam dele, conforme expostas por François Hartog em seu *Espelho de Heródoto* (HARTOG, 2014) demonstram que interpretações e reinterpretações foram e continuam sendo comuns. Isto posto, esta pesquisa pretende analisar como – e quando – Heródoto é mencionado a jovens do Ensino Médio Brasileiro e alguns efeitos dessas menções.

Considerando algumas particularidades brasileiras, analisaremos como Heródoto é – ou não – mencionado e através de uma atividade didática especialmente

elaborada para suprir lacunas e avaliar efeitos do uso do que chamamos de “fonte primária textual historiográfica” na escola regular.

I.II – JUSTIFICATIVA DE PESQUISA

Essa pesquisa foi elaborada buscando aferir e incrementar “a produção de saberes históricos em sala de aula” (FONSECA, 2010:9) e atendendo ao que o Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio para 2015 – PNLD – (publicado em 2014), orienta:

- Orientar os alunos a pensarem historicamente, a reconhecerem as diferentes experiências históricas das sociedades e, a partir desse entendimento, compreenderem as situações reais da sua vida cotidiana e do seu tempo.

- Contribuir para o aprofundamento dos conceitos estruturantes da disciplina, tais como história, fonte, historiografia, memória, acontecimento, sequência, duração, sucessão, periodização, fato, processo, simultaneidade, ritmos de tempo, medidas de tempo, sujeito histórico, espaço, historicidade, trabalho, cultura, identidade, semelhança, diferença, contradição, permanência, mudança, evidência, causalidade, multicausalidade, ficção, narrativa.

(BRASIL: 2014:12)

Dentro dessas diretrizes educacionais, a escolha foi feita por Heródoto, e trechos do Livro I das suas *Histórias* foram selecionados para o debate com alunos de 1º Ano de Ensino Médio.

I.III – Heródoto : Historiador, Fonte e Objeto Didático

"No conjunto de suas *Histórias*, Heródoto, além de proceder documentalmente visando a uma verdade histórica, muitas vezes forja as vias dessa verdade, a partir do verossímil." (RIBEIRO: 2005:12)

François Hartog analisa as *Histórias* de Heródoto, do ponto de vista da estrutura discursiva e narrativa, fazendo menção a diversos estudos sobre Heródoto. A “prosa do primeiro historiador” (HARTOG, 2014:18) tem muitas semelhanças discursivas com a epopeia, que, assim como os discursos fúnebres, tem como função primordial

manter a memória daqueles que já morreram. A diferença da *História* para a epopeia é que, em vez de tratar de poucas pessoas, com influência – e por vezes ascendência – divina, a História trata de coletividades; em vez de recitar poesias inspiradas pelas Musas, a história coleta informações com seres humanos e as redige em prosa. Como coloca Glaydson José da Silva:

Com Heródoto vem a história, a história como investigação, pesquisa, observação e, de modo diferente das narrativas orientais, o autor sem vínculo oficial direto, sem remuneração. (...). No prefácio de suas Histórias Heródoto demonstra-se, a um só tempo, interessado em preservar a memória das ações humanas, dos gregos e dos bárbaros, para que não sejam esquecidas, mas, também, em investigar a verdade sobre ela, buscando suas causas. (SILVA: 2011:1)

Heródoto é também Fonte, uma vez que reflete padrões de pensamento da sua época, suas filiações intelectuais, filosóficas e políticas, descreve e compara aspectos das sociedades de seu tempo, suas religiosidades e hábitos. É Fonte, pois descreve fisicamente as regiões de seu próprio tempo, tanto que é considerado também por setores da Geografia e da Cartografia como um “pai fundador”¹.

Dentro do Ensino Superior brasileiro, Heródoto está dentro do contexto da História Antiga no Brasil, avaliada por Pedro Paulo Funari em seu *História Antiga: contribuições brasileiras*, de 2008:

Por muitas décadas, a Antiguidade exerceu uma função erudita em um contexto nobiliárquico, a reforçar o caráter aristocrático da sociedade brasileira. (...) A república oligárquica iria manter esse caráter aristocrático. (...) O caráter aristocrático da História, e da História Antiga, em particular, foi superado pela inclusão de estudiosos não oriundos das elites, cuja formação intelectual e acadêmica não era de berço, mas aprendida, tanto no Brasil como, de maneira crescente, também no estrangeiro. Os paradigmas tradicionais, que enfatizam a homogeneidade social e o respeito às normas foram, de forma crescente,

¹ O “Pai da História” é considerado por Yves Lacoste também Pai da Cartografia, em seu texto de 1973. Em 1976, ele funda uma revista de Geografia e coloca o nome de Hérodote, em língua francesa. O periódico, que em 1983 incluiu o subtítulo “Revista de Geografia e Geopolítica”, continua ativo até hoje, divulgando artigos sobre Cartografia, História e Etnografia. Basta entrar no site www.herodote.org e dominar a língua francesa. Paul Claval avalia a revista Hérodote como “uma nova orientação na geografia de esquerda francesa” (CLAVAL, 2000:245).

contrapostos às visões multifacetadas e atentas aos conflitos. (FUNARI, 2008:8,9)

Desde a redemocratização dos anos 1980/90, o campo de estudos da História tem se tornado terreno fértil a debates e problematizações dentro da universidade. Os pesquisadores de História Antiga, tendo superado aqueles tradicionalismos do início do século XX, aos poucos superam os estudos elitizantes – uma vez que não são eles próprios membros das elites como seus antecessores – e vão criando novos espaços de um debate mais amplo. Dentro de livros didáticos de Ensino Médio Brasileiro, Heródoto é – pouco – comentado, conforme veremos a seguir².

I.IV – ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS

Passaremos agora à análise dos livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático 2015. Os livros analisados são os livros comprados pelo Ministério da Educação para o uso dos alunos em escolas públicas de todo o Brasil. Esses livros estão sendo utilizados pelos alunos de escolas públicas de Ensino Médio desde 2015, até o momento em que o Ministério da Educação elaborar um novo Plano, o que teoricamente acontecerá em 2017/2018.

O objetivo dessa análise é explicitar a menção de Heródoto em alguns livros e a própria conceituação de história nesses livros. De um total de 14 livros observados, nove não têm diretamente um capítulo introdutório no livro do 1º Ano explicando o que é a produção do conhecimento histórico. Seis dentre esses não apresentam qualquer menção a Heródoto, e os outros três o mencionam no capítulo sobre Grécia. Dos cinco livros com Introdução aos Estudos Históricos como um capítulo específico, em apenas um deles Heródoto aparece nesse capítulo, enquanto nos outros quatro ele é mencionado apenas no capítulo sobre a Grécia. Em todos os casos foi considerado o Volume 1 do Ensino Médio.

Começaremos essa análise nos dois livros que trazem uma “introdução ao estudo da história” ainda que sem fazer menção a Heródoto: *História Geral e do Brasil*, de Claudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo, e *Novo Olhar*, de Marco Pellegrino, Adriana

² É importante salientar que a História Antiga passou a fazer parte do ENEM há relativamente pouco tempo, e isso redefiniu o conteúdo do Ensino Médio, especialmente no Rio de Janeiro reincluindo esse item no Currículo do Ensino Médio. Estudos sobre esse tema ainda são necessários para uma melhor compreensão.

Machado Dias e Keila Grinberg. O primeiro livro, em um prólogo denominado “bastidores da história”, procura encurtar a distância entre a pesquisa acadêmica e o livro didático. Expõe questões sensíveis, algumas as quais eu mencionei na Atividade executada com meus alunos, como por exemplo, o fato de não haverem “verdades absolutas e irrefutáveis” em História. Expõe nesse momento intencionalidades de revelar ou ocultar documentos históricos, com objetivos os mais diversos. Conecta a História à Geografia e à Antropologia, encerrando com uma exposição sobre os calendários e suas vinculações políticas.

O segundo livro tem uma organização diferente. Começando por integrar a “introdução” à estrutura do livro como o primeiro capítulo, induz ao uso em sala pelo professor, diferentemente do anterior. Com apelo visual mais forte, busca demonstrar graficamente conceitos abstratos de temporalidades como, por exemplo, os “três tempos” de Braudel, ou análises mais detalhadas de uma cópia da Lei Áurea e de uma aquarela de Franz Post sobre um engenho de açúcar. Ambas as imagens são detalhadamente descritas, aproximando o aluno da produção do conhecimento histórico. Faz também um panorama mais detalhado das ciências humanas em relação à história, incluindo a Linguística. Conclui o capítulo com atividades, para que o aluno realmente reflita sobre o material, e com sugestões de filmes como “Narradores de Javé”, filme brasileiro que discute exatamente a construção da narrativa histórica.

Seguindo na análise dos três livros sem uma Introdução aos Estudos Históricos e com menções a Heródoto em seus capítulos sobre Grécia, começaremos com *História em Movimento*, de Gislane Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi:

Foi também no século V a.C. que surgiram os primeiros relatos históricos, com as obras de Heródoto e Tucídides, que abordaram, respectivamente, as Guerras Greco-Pérsicas e a Guerra do Peloponeso. A filosofia ganhou destaque com Sócrates, Platão e Aristóteles, e a medicina se desenvolveu com Hipócrates.

Neste trecho, dentro de um quadro “A Grécia em seu auge”, Heródoto aparece mencionado como um dos “primeiros relatos históricos”, ao lado de Tucídides. Não há menção ao trabalho teórico e prático de nenhum dos dois, e nada se menciona de suas discordâncias. O trecho seguinte, da coleção *Ser Protagonista*, organizado por

Valéria Vaz, menciona Heródoto como “pai da História”, sem entrar em detalhes. Mais uma vez, colocando-o em paralelo com Tucídides, dentro de um quadro maior intitulado “Filosofia e ciência na Grécia Antiga”:

A História, por sua vez, foi tratada em forma narrativa para descrever os acontecimentos. Assim, Heródoto de Halicarnasso, considerado o pai da História, coletou informações sobre as guerras greco-pérsicas. O ateniense Tucídides escreveu a *História da Guerra do Peloponeso*.

O próximo livro analisado, da *Coleção Integralis*, de autoria de Divalte G. Figueira, tem em seu primeiro capítulo uma introdução à periodização e ao estudo da pré-história. Menções teóricas à História aparecem como “detalhes” em quadros explicativos. Em seu capítulo sobre a Grécia, é mais generoso com Heródoto, explicitando a tradicional “paternidade” da História atribuída a ele, as críticas de contemporâneos e especialmente de Tucídides, em uma descrição mais clara e precisa do que nos livros anteriormente mencionados.

4 Os primeiros historiadores

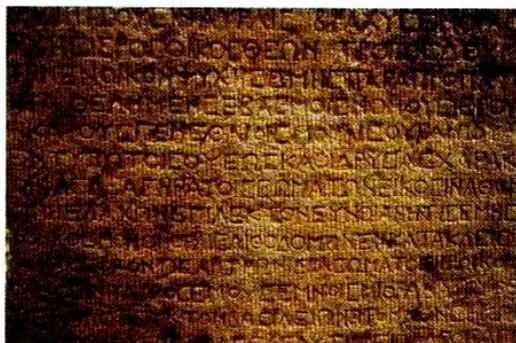
Os gregos, como outros povos, procuravam conhecer e explicar suas origens. Para isso, recorriam aos mitos e às lendas, que, em geral, descreviam as façanhas de deuses ou de heróis, dotados de poderes extraordinários. Todavia, surgiu entre eles uma preocupação em relatar acontecimentos históricos sem recorrer às narrativas míticas.

O primeiro grego que fez isso foi Heródoto (484-425 a.C.), o “pai da História”. Após passar um longo tempo viajando pelo Egito, pelo Império Persa e por muitos outros lugares, escreveu sua obra com base nas informações obtidas.

Heródoto, porém, não chegava a ser um racionalista perfeito. Deixava-se, muitas vezes, levar em seus relatos por explicações míticas e lendárias. Apesar disso, revelou uma atitude crítica em relação às fontes.

O ateniense Tucídides (460-400 a.C.) pode ser considerado o fundador da história científica. Escreveu a *História da Guerra do Peloponeso*, composta de oito livros, dos quais alguns se perderam.

Em seu trabalho não havia lugar para mitos, lendas ou deuses. Ao contrário, como ele mesmo declara, sua intenção era apresentar os acontecimentos históricos de tal maneira que sua obra jamais perdesse o valor. A certa altura, ele escreveu: “Pelo que se refere aos fatos, não me baseei no dizer do primeiro que chegou ou nas minhas impressões pessoais; não narrei senão aqueles de que eu próprio fui espectador ou sobre os quais obtive informações precisas e de inteira exatidão”. (Citado em: DEZ, Gatón; WEILER, A. *Oriente e Grécia*. São Paulo: Mestre Jou, 1964. p. 214.)



Pedra com a escrita grega. O alfabeto grego foi desenvolvido por volta do século IX a.C. e é utilizado ainda hoje, tanto no grego moderno, quanto na matemática.

Darrell Gulm/Getty Images

Seguiremos agora a livros com “Introduções aos estudos históricos” claras no início dos livros e menções a Heródoto em seus capítulos sobre a Grécia. Começando por *Por dentro da História*, de Pedro Santiago, Maria Aparecida Pontes e Célia Cerqueira. Aqui, a introdução do livro tem a estrutura similar à dos capítulos, embora sem fazer parte da sequência numérica dos capítulos, intercalando textos e exercícios curtos com o objetivo de discutir, em temas cotidianos aos alunos, temas e termos essenciais à História, como *Permanência*, *Simultaneidade* e *Memória*. Heródoto vai aparecer no livro, na realidade, no capítulo sobre a Mesopotâmia, com sua descrição da Torre de Babel sendo contrastada com a descrição bíblica e um quadro renascentista. Heródoto é descrito como um “historiador grego”, como se esse termo fosse comum na época.

A seguir, apresentamos dois textos: o trecho bíblico que se refere à Torre de Babel e uma descrição dos zigurates feita pelo historiador grego Heródoto, há cerca de 2.500 anos. Veja também uma pintura da época do Renascimento. Observe as diferenças existentes entre as várias formas de representar os zigurates.

Passando ao livro *História Global*, de Gilberto Cotrim, vemos um primeiro capítulo introdutório que situa o aluno nos diferentes usos da palavra história, discute fontes, menciona a origem grega da palavra “História”, mas não liga esse dado a Heródoto. Segue o capítulo discutindo medições de tempo e calendário. A menção direta a Heródoto se dá citando François Hartog, explicitando certo distanciamento de Heródoto – e Tucídides – dos “poderosos”.

■ HISTÓRIA, FILOSOFIA E CIÊNCIAS

Na escrita da história, destacaram-se Heródoto (484-425 a.C.), conhecido como o “pai da história”, e Tucídides (460-396 a.C.).

Os gregos não inventaram a história, mas, em certo sentido, “inventaram” o historiador. Foi com Heródoto que surgiu o historiador como figura subjetiva. Sem estar diretamente ligado a um poder político, sem ser comissionado por ele, Heródoto põe-se (...) a reivindicar a narração que inicia pela inscrição de um nome próprio: o seu (...). Ele é o autor de seu logos (saber).⁴

Alfredo Boulos é o autor de *História Sociedade & Cidadania*, faz uma análise mais “completa” de Heródoto no capítulo sobre “Cultura, religião e arte grega”. Contrasta Heródoto e Tucídides, dando mais atenção aos seus produtos finais de cada um deles. Interessante notar que Boulos sugere ao professor que adota seu livro uma reportagem que fala sobre o conceito de História com professores da UNIRIO³. Seu capítulo inicial do livro, começa pelo debate sobre tecnologias de comunicação e medição do tempo, depois passa às temporalidades e ao tempo histórico, calendários, os três tempos de Braudel, o conceito de cultura e uma exposição da multiplicidade de fontes que geram informações aos historiadores. Com vários vídeos sugeridos ao professor – me falta a informação se o professor adotante da coleção receberia todos esses vídeos compilados em uma mídia única – Boulos inclui o debate sobre Memória e Patrimônio imaterial antes do início do “conteúdo” do livro.

História

Na Grécia antiga, verificou-se o desenvolvimento da História.

Heródoto viveu no século V a.C. e assumiu quase sempre uma postura crítica em suas narrativas. Ele viajou por muitos lugares em diversos continentes e optou antes por compreender os fatos do que por julgá-los, atitude própria do historiador.

Em sua principal obra, denominada **Histórias**, Heródoto investigou pessoalmente vários episódios por ele narrados e mostrou capacidade de observação e espírito crítico. Na sua narrativa, utili-

zou-se principalmente de fontes escritas (livros e documentos oficiais) e orais (relatos de testemunhos). Em alguns trechos da obra, porém, Heródoto reproduz crenças de sua época, como a intervenção dos deuses na vida humana.

Além disso, ao abordar uma guerra entre gregos e persas, mostrou-se totalmente favorável aos gregos.

Já o historiador ateniense Tucídides concentrou sua narrativa na ação humana e esforçou-se para ser imparcial. Desconfiou dos relatos que ouviu, negou a participação dos deuses no curso da História e buscou descobrir as múltiplas razões de determinado episódio.

Passaremos agora ao livro *Das Cavernas ao Terceiro Milênio*, de Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota. Em seu capítulo introdutório, “A construção da história”, fontes materiais e imateriais, tradição oral e patrimônio são explicitados. Cálculos de tempo e calendários são explicados. Atividades com experiências indígenas e trabalho infantil fazem parte. A própria origem do termo História, a partir do *histor* grego, aparece.

Mas Heródoto propriamente dito só vai aparecer no capítulo sobre a Grécia Clássica. Três vezes. Na primeira, narrando a célebre Batalha das Termópilas, famosa

³ <http://ler.vc/5uydmx> ou <https://www.youtube.com/watch?v=sFhcpcYWCBU>

no imaginário popular após a sua adaptação cinematográfica. Nenhuma explicação ou contextualização é feita nesse ponto.

A Batalha de Termópilas

“Os espartanos enviaram na frente Leônidas, com seus trezentos homens, a fim de encorajar com essa conduta o resto dos aliados e com receio de que eles abraçassem a causa dos persas, vendo a lentidão dos primeiros em socorrer a Grécia. [...] Os outros aliados [...], como não esperavam combater tão cedo nas Termópilas, tinham-se limitado a enviar um pequeno número de tropas de vanguarda. [...]

Xerxes [...], depois de haver esperado algum tempo, pôs-se em marcha [...]. Descendo a montanha, os bárbaros e o soberano aproximaram-se do ponto visado. Leônidas e os gregos, marchando como para uma morte certa, avançaram muito mais do que haviam feito antes, até o ponto mais largo do desfiladeiro, já sem a proteção da muralha. Nos encontros anteriores não haviam deixado os pontos mais estreitos, combatendo sempre ali; mas neste dia a luta travou-se

num trecho mais amplo, ali perecendo grande número de bárbaros. Os oficiais destes últimos, colocando-se atrás das fileiras com o chicote na mão, impeliam-nos para a frente à força de chicotadas. Muitos caíram no mar, onde encontraram a morte, enquanto inúmeros outros pereceram sob os pés de seus próprios companheiros. Os gregos lançavam-se contra o inimigo com inteiro desprezo pela vida, mas vendendo-a a alto preço. A maioria deles já tinha as suas lanças partidas, servindo-se apenas das espadas contra os persas. [...]

Leônidas foi morto nesse encontro, depois de haver praticado os mais prodigiosos feitos. Com ele pereceram outros espartanos de grande valor [...]. Os persas perderam também muitos homens de primeira categoria [...].”

HERÓDOTO. *História*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950. p. 597 e 604. v. 2.

Quando Xerxes investiu contra a Grécia, Esparta foi uma das poucas cidades que se aliaram a Atenas para derrotar o invasor, liderando o grupo dos lacedemônios. A Batalha de Termópilas mostra o engajamento dos espartanos na guerra contra os persas, assim como o poder do Exército de Xerxes.

CAPÍTULO 5 Grécia: berço da civilização ocidental

87

A menção seguinte a Heródoto é em uma atividade que toma a página inteira, onde ele descreve o povo garamante. O célebre prólogo é mencionado, sem a devida referência.

Outras histórias

Os garamantes

No século V a.C., o grego Heródoto viajou pelo mundo conhecido até então para testemunhar fatos e colher dos moradores depoimentos sobre acontecimentos do passado. Assim, com esse método investigativo, Heródoto lutava contra o esquecimento, procurando preservar, para as futuras gerações, os feitos e as glórias dos homens. No trecho reproduzido a seguir, ele descreve os garamantes, povo do Deserto do Saara que habitava uma região que hoje corresponde a partes da Líbia e da Tunísia.

No exercício posterior ao trecho transcrito, vemos questões de fato teóricas sendo abordadas pelas autorias do livro didático. Questões que poderiam estar no capítulo introdutório, mas estão dentro do texto corrente do livro. São características deste livro didático os exercícios para os alunos tanto com fontes primárias quanto com textos de estudiosos atuais, historiadores ou não. Também é característica desse

livro a constante tentativa de relacionar o estudo de épocas passadas com os dias de hoje, implicações e relações.

Questões Registre as respostas em seu caderno

1. Na descrição que Heródoto faz dos garamantes é possível encontrar algum juízo de valor? Justifique.
2. A descrição feita por Heródoto baseou-se, essencialmente, em situações que ele presenciou e em relatos ouvidos dos habitantes locais. Em que aspecto esse método de Heródoto se distancia dos relatos míticos e se aproxima da pesquisa científica? De que forma, por outro lado, seu método está distante do trabalho do historiador da atualidade?
3. Após a queda do ditador Muammar Kadafi, na Líbia, em 2011, as pesquisas arqueológicas na região foram ampliadas, trazendo à luz vestígios do povo garamante. Pesquise sobre o assunto na internet, registre os dados obtidos e os compare com o relato de Heródoto.

No trecho sobre “Pensamento filosófico e científico”, Heródoto aparece sem muita clareza na menção ao *histor* mencionado no capítulo introdutório. Tucídides também aparece sem menção às críticas do segundo ao primeiro. A contextualização dos trechos de Heródoto presentes anteriormente também não é bem explicitada.

Os gregos foram os primeiros a tratar a **história** como objeto de pesquisa sistemática, procurando separar os relatos míticos dos fatos. Heródoto de Halicarnasso (484-425 a.C.), conhecido como o “pai da história”, relatou, em sua obra *História*, as Guerras Greco-Pérsicas. Preocupado em investigar os acontecimentos e o modo de vida dos povos, visitou o Egito, a Península Itálica e a Ásia Menor. Outro historiador, Tucídides (c. 460-400 a.C.), influenciou inúmeras gerações de historiadores ao escrever sua *História da Guerra do Peloponeso*.

Passando ao último livro didático analisado, *Conexões com a História*, de Alexandre Alves e Letícia Fagundes de Oliveira. Neste livro acontece algo no mínimo curioso: o busto duplo de Heródoto e Tucídides – o mesmo da capa do livro *O Espelho de Heródoto* – aparece sem nenhuma explicação no capítulo sobre Grécia. Em contraste a isso, na “Introdução” – capítulo introdutório do livro com o mesmo layout, porém, fora da numeração dos capítulos – vemos a palavra *história* sendo explicada etimologicamente. Porém, tanto a “face” de Heródoto quanto à de Tucídides, que viria a redefinir História mais tarde, foram deslocadas para outro trecho do livro.

» Nascimento e desenvolvimento da história

A **história** é a disciplina que estuda a vida dos homens em sociedade ao longo do tempo. Seu objetivo é compreender ações, desejos, pensamentos, sentimentos e criações culturais dos homens em diversas sociedades e variadas épocas. A própria disciplina de história tem uma longa história atrás de si, que começou na Grécia antiga.

A palavra história vem do grego antigo *historie*, que em dialeto jônio significa “investigação”, e está relacionada a outras duas palavras: o substantivo *istar*, “testemunho”, e o verbo *istorein*, “informar-se”. Esse é o sentido usado pelo viajante grego Heródoto (século V a.C.), que escreveu uma história das guerras dos gregos contra os persas com base em testemunhos dos acontecimentos. Para Heródoto, o objetivo da história é produzir um discurso ou relato verdadeiro dos fatos, separando-o dos mitos, fábulas e lendas.

Até o advento do mundo moderno, surgiram muitas outras formas de encarar a história. Somente no século XVI, contudo, foram criados métodos para orientar a análise das **fontes históricas**, distinguindo os testemunhos falsos dos testemunhos verdadeiros sobre o passado. Por meio do contato direto com as fontes e do desenvolvimento do método crítico, os historiadores procuravam compreender toda a diversidade de usos e costumes entre os povos.

Esse último livro chegou mais próximo da atividade desenvolvida para esta pesquisa dentre os 14 pesquisados. Mencionou Heródoto como o criador da palavra *História* no sentido que a utilizamos, deixando minimamente claro para o aluno do Ensino Médio tanto a origem quanto as mudanças desse conceito ao longo do tempo. Consideramos útil tanto a demonstração da “evolução”⁴ dos estudos históricos quanto serem reconhecidos os responsáveis por determinadas mudanças de paradigma. Nesse levantamento em livros didáticos, o alvo foi Heródoto, o “pai fundador” de acordo com a tradição. A sua ausência em grande parte desses livros é mais um motivador e demonstração da validade de se utilizar o seu texto diretamente em sala de aula, para dar um sentido de “origem do conhecimento histórico” para o aluno.

⁴ Colocamos “evolução” entre aspas, pois o uso aqui é no sentido mais de alteração ao longo do tempo do que uma melhora efetiva ao longo do tempo, como o termo usualmente é usado.

II – FUNDAMENTAÇÃO DA PESQUISA

II.1 – OBJETIVOS

A aprendizagem de metodologias apropriadas para a construção do conhecimento histórico, seja no âmbito da pesquisa científica seja no do saber histórico escolar, torna-se um mecanismo essencial para que o aluno possa apropriar-se de um olhar consciente no que tange à sociedade e a si mesmo. Ciente do caráter provisório do conhecimento, o aluno terá condições de se exercitar nos procedimentos próprios da História (...) (BRASIL, 2006:72)

Atendendo a estas recomendações das Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino de História no Ensino Médio, chegamos aos objetivos dessa pesquisa. Os objetivos dessa pesquisa sobre o uso de trechos das Histórias de Heródoto no 1º Ano do Ensino Médio Brasileiro são:

- a- Fazer um diagnóstico inicial do que os alunos entendem por História ao chegarem ao Ensino Médio
- b- Utilizar trechos de Heródoto para fomentar o debate entre alunos sobre o conceito de História
- c- Fazer uma aferição inicial dos efeitos que esse uso de uma fonte primária textual historiográfica pode ter na motivação do aluno em relação ao estudo da história na escola.

II.II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“‘Aprender’ significa, antes, uma forma elementar da vida, um modo fundamental da cultura, no qual a ciência se conforma, que se realiza por ela e que a influencia de forma marcante. o que se pode alcançar aqui, por intermédio da ciência, é enunciado pela expressão clássica ‘formação’.” (RUSEN, 2007:87)

Esta pesquisa integra um Mestrado Profissional em Ensino de História. Desse modo, o uso de Jörn Rüsen se torna fundamental. Rüsen associa a Teoria da História à Prática de Pesquisa em História, como indissociáveis, assim como o “aprendizado”. Rüsen coloca claramente que não quer redefinir a Didática como campo do conhecimento em si, mas que a Didática da História necessita ser repensada assim como sua Teoria simultaneamente ao seu fazer. Conforme ele coloca, “O termo

‘didática’ indica que a função prática do conhecimento histórico produz efeitos no processo de aprendizado.”(RUSEN, 2007:87)

Rüsen fala diretamente que não fala objetivamente de escola regular, porém é possível o uso de sua teoria dentro do *fazer* diário escolar. Dentro dessa linha teórica, seguiu esta pesquisa, com o objetivo de integrar a Teoria da História com a prática diária docente. Segundo Rüsen, o historiador, sendo um ser humano assim como o aluno, precisa estar continuamente refletindo e ressignificando seu conhecimento e sua prática profissional, especialmente considerando que essa prática é exatamente o discurso sobre o tempo a um público que não tem a maturidade intelectual de um profissional do ramo. Observemos como Rüsen coloca graficamente o ciclo intelectual do conhecimento histórico:



(RUSEN, 2001:35)

Rüsen coloca a pesquisa histórica dentro de um ciclo que “(...) não se esgota.” (RUSEN, 2001:33), de modo que o conhecimento histórico de uma época gera questionamentos que levam a novas pesquisas, as quais gerarão novos objetos de conhecimento, que uma vez divulgados, gerarão uma nova série de inquietações e pesquisas que mantêm a história em constante renovação metodológica e conceitual. É evidente que esse ciclo intelectual refere-se ao próprio ofício do historiador. A detalhada compreensão desse ciclo intelectual refere-se mesmo à profissionalização do historiador, diferenciando-o do observador não estudioso da história.

Ainda desenvolvendo a teoria da história, Ruseen coloca que a pesquisa história deve ter uma “relevância prática” (RUSEEN, 2001:42), que podemos aplicar como o Ensino de História nas escolas, como o próprio afirma mais tarde em seu texto (RUSEEN, 2001:48). Dentro dessa pesquisa, procurei, ao colocar o aluno em contato e interação diretamente com as palavras de Heródoto, dar a esse aluno algumas ferramentas teóricas que o permitissem ter a sensação intelectual de participar daquele ciclo proposto por Ruseen expresso anteriormente, aproximando a “ciência especializada” com a “vida prática” dentro do contexto escolar.

"Heródoto pretendeu que as marcas e os traços da atividade dos homens, os 'monumentos' que produziram, não desaparecessem, não se apagassem - como uma pintura que, com o tempo, desbotou (...)" (HARTOG, 2003:30)

Heródoto tornou-se famoso – e infame – participando do “ciclo” de Ruseen quando leu sua obra publicamente em Atenas e Olímpia (HARTOG, 2014:303). Quando foi copiado, repetido, debatido ao longo dos séculos. Hartog chega a afirmar que “Os gregos foram mais inventores do historiador do que da história.” (HARTOG, 2003:13), e Heródoto tem um papel central nesse processo, quando não apenas escreve a história, mas relata também seu próprio processo de escrita da história conforme narra os acontecimentos. Essa metalinguagem presente na escrita de Heródoto que é o motivo de sua escolha, e trechos onde isso ocorre foram o centro da atividade aplicada com alunos de Ensino Médio.

II.III - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

“Ensinar história passa a ser, então, dar condições ao aluno para poder participar do processo de fazer o conhecimento histórico, de construí-lo.” (SCHIMIDT, CAINELLI, 2010:34)

Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli, em seu “Ensinar História” traçam um amplo painel de possibilidades de práticas docentes que aproximam o *fazer escolar* do *fazer historiográfico*. Esse manual é ao mesmo tempo endereçado aos professores de escolas regulares já há anos longe da universidade assim como aos graduandos em

vias de entrar na escola pela primeira vez como professores. Esse manual é particularmente interessante por demonstrar diversas possibilidades de trabalho do professor com os alunos, ao mesmo tempo que articula essas atividades *escolares* com atividades *teóricas e reflexivas*, tanto para os alunos quanto para os próprios professores. Nessa perspectiva, esse livro se alinha a presente pesquisa, uma vez que disponibiliza para o professor de escola regular diversas atividades didáticas que são também ferramentas de construção e reconstrução teórica do saber escolar dos alunos.

Jörn Rüsen, em seu artigo de 1987, traduzido em 2006, coloca que “*A disciplina da história não pode mais ser considerada uma atividade divorciada das necessidades da vida prática.*”(RÜSEN, 2006:15). Apesar de ser mais dedicado à questão identitária nacional nesse artigo, sua leitura é válida no ponto em que o mesmo considera que a história deve ser abordada em sala de aula levando-se em conta o seu aspecto de experiência e interpretação. Rüsen enfatiza aqui que a didática da história deve levar em conta o aprendizado, ou seja, a interação entre o aluno, o conhecimento, o professor e a pesquisa histórica, dentro do ciclo anteriormente mencionado (RUSEN, 2001:35).

Seguindo essa linha teórica, Luis Fernando Cerri (CERRI, 2011) corrobora para essa pesquisa quando propõe o que ele chama de “letramento histórico” (CERRI, 2011:123): “Não basta conhecer fatos e processos históricos; é preciso ter capacidade de interpretar o tempo e usar esse conhecimento para a própria vida, agindo em conformidade com os próprios princípios e objetivos.” Nesse sentido, é relevante essa pesquisa, pois objetiva exatamente fazer o aluno repensar o que é história, e como ele a percebe e articula no cotidiano escolar e para além dele.

II.IV – APLICAÇÃO TESTE

Em 09/09/2015, cinco meses antes da pesquisa efetiva, foi feita uma primeira atividade nesse sentido. Trechos do Livro I das *Histórias* de Heródoto foram debatidos com uma turma de 1º Ano do Ensino Médio de uma escola Estadual do subúrbio do Rio de Janeiro. Até aquele momento, o acesso a essa escola – profissionalizante em Administração e de horário integral – era feito por Prova de Seleção. Essa turma em

específico já estava desde o mês de Fevereiro daquele ano tendo suas aulas de História ministradas por mim e essa “pesquisa preliminar” foi feita como uma “atividade extra” em sala. Nessa ocasião, apenas a folha de “Avaliação da Atividade” foi recolhida por mim para análise posterior, além de anotações do quadro fotografadas. A atividade foi na ocasião feita com o auxílio de slides projetados no quadro, o que propiciou a discussão dos trechos específicos, superando a “confusão visual” do material em suporte papel.

Ao ler as avaliações da primeira aplicação da Atividade, pude encontrar alunos respondendo, por exemplo, que:

- A aula foi “mais interessante”;
- O trabalho com um texto antigo “abre a mente, mostra novos pontos de vista”;
- Se sente “mais motivado, pois a história é muito mais legal do que parece ser”;
- “A cada momento a história é ‘renovada’, e sempre há mais a aprender”;
- “Tirou curiosidades e dúvidas que eu tinha”.

Analisando o conjunto completo das Avaliações dos Alunos, pude atestar a necessidade do aprimoramento da folha de exercício para a nova aplicação que se deu 6 meses depois bem como a validade desse primeiro experimento. Utilizar a “História da História” em uma sala de aula se revelou uma útil ferramenta para tornar o ensino de história mais significativo aos alunos. Por 12 vezes, por exemplo (um terço da turma) foi mencionado, com diferentes palavras, que o texto original de Heródoto tornou mais clara a visão de mundo da época [século VaC]. Outras 12 vezes os alunos puderam perceber – talvez pela minha influência na condução da atividade – que tal atividade poderia dar alguma visão introdutória sobre o estudo das mudanças de perspectivas da pesquisa histórica, explicitando que não existe um método histórico único, eterno e imutável. Com esse primeiro resultado positivo, foi possível e viável seguir para uma aplicação em um número maior de alunos.

II.V – APLICAÇÃO DA ATIVIDADE SOBRE HERÓDOTO NO ENSINO MÉDIO EM 2016

Nos dias 15 e 17 do mês de Fevereiro do corrente ano de 2016, procedi à aplicação da atividade elaborada sobre Heródoto e alguns conceitos de História em quatro turmas de Ensino Médio. As turmas escolhidas foram turmas de 1º Ano, recém-

chegados àquela escola, sem contato prévio comigo. Havia três alunos repetentes espalhados nas turmas, e eles foram instruídos a evitar mencionar qualquer coisa que eu houvesse falado no ano anterior, quando foram meus alunos. Em uma das turmas, tive o apoio de um colega também professor de história, que me ajudou a manter a disciplina e o foco dos alunos na atividade, sem interferir na sua aplicação.

De um total de 154 alunos, analisemos inicialmente seu histórico escolar. Cerca de 64% haviam estudado sua Educação Infantil em Escolas Públicas. Esse percentual subiu para 73% considerando o Primeiro Segmento do Ensino Fundamental e 86% em relação ao Segundo Segmento. Estamos falando de um total de 132 alunos que estão chegando a uma escola pública para iniciar o seu Ensino Médio, tendo estudado por toda a sua vida em escolas públicas. Dentro do universo de estudantes no Brasil, esse número é indubitavelmente pequeno, porém, aponta certas tendências que valem a análise.

A primeira pergunta do exercício foi “O que é estudar história na escola para você?”. 78% dos alunos responderam, de com diferentes palavras, que a história é o “estudo do passado”. Desses 119 alunos, 18 mencionaram especificamente o estudo de “Guerras, Conflitos, Religiões e Crises”. Apenas 13% (20 alunos) articularam o conhecimento histórico com a compreensão do presente, e 5% (sete alunos) com algum tipo de articulação com a construção do futuro. Cinco alunos mencionaram que o conhecimento da história valia pelo conhecimento em si. O que esses dados podem nos revelar? Em primeiro lugar, que a articulação entre conhecimento histórico e entendimento da sociedade atual ainda é limitada a poucos. Quando consideramos a articulação entre Experiências e Expectativas, ou seja, Passado e Futuro, temos pouquíssimos jovens capazes de articular nosso campo de estudos com a atuação direta na reconstrução diária da realidade circundante.

Isso é bastante significativo. Esse grupo de alunos chegou ao Ensino Médio com uma visão limitada do conhecimento histórico como o que se pode chamar de “passado pelo passado”, ou o “conhecer pelo conhecer” – que cinco alunos especificaram como a resposta à pergunta – que é indubitavelmente limitante. Estamos falando de quatro em cada cinco alunos que percebem a história como um conhecimento de fatos passados que nada tem a contribuir diretamente com a compreensão da situação política, social ou econômica atual. Estamos falando em jovens de 15 anos em média, prestes a se tornarem eleitores, sem a percepção de que

o processo eleitoral se apoia exatamente nesse desconhecimento do passado do eleitor brasileiro.

Apenas essa informação já torna esse dado bastante alarmante. Apenas 18% dos alunos conseguiram articular alguma conexão entre o conhecimento histórico e o presente; desses, apenas 5% relacionaram o conhecimento histórico com a construção diária da sociedade “futura”. Não estou nesse estudo tentando buscar “culpados” – professores ou livros didáticos – pois essa porcentagem nos leva a considerar toda uma macroestrutura que limita esses professores e a redação desses materiais didáticos ora a um tecnicismo, ora a uma erudição vazia de responsabilidade social.

Questionados sobre a sua experiência como alunos em relação à história, 65% dos alunos a qualificou como “positiva”, 30% como “negativa”, 5% relataram ter tido uma experiência com altos e baixos. Comparando esses dados com os anteriores, podemos perceber o quanto a macroestrutura limitante anteriormente mencionada leva alunos e professores ao “senso comum” de que a história é um conhecimento fechado em si mesmo, e isso é relatado como sendo positivo. As críticas foram mais às personalidades dos professores do que à história em si. Importante destacar que nove alunos relataram “falta de professor” por meses dentro de um ano, ou seja, o sistema educacional – público – continua sem atender corretamente às demandas por professores temporários em caso de doença ou aposentadoria de professores.

Mais importante ainda é considerar os professores de cursos preparatórios, mencionados por sete alunos como positivamente marcantes, em oposição aos professores regulares. Graças à nossa macroestrutura educacional tecnicista, o professor de curso preparatório – assim como o professor “virtual” – faz uma sumarização muitas vezes espetacularizada do conhecimento. Esse professor “de cursinho” recebe um salário superior ao dos professores da rede pública, tem acesso a material multimídia e “dons artísticos”, aumentando a desvalorização do profissional da rede pública, limitado por falta de recursos básicos e situações de risco social constante.

III.1 – RESULTADOS DA APLICAÇÃO DA ATIVIDADE

Passando à análise da interação dos alunos com o texto de Heródoto propriamente dito, vejamos os grifos colocados no famoso prólogo das Histórias. Os alunos receberam o trecho com os grifos aqui transcritos, debateram com seu colega da carteira ao lado, relataram rapidamente à turma sobre suas ideias e então transcreveram as suas percepções sobre o trecho.

“Os resultados das investigações de Heródoto de Halicarnasso são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que os feitos maravilhosos dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles se guerrearam.” (Heródoto:I,1)

A História é o que aconteceu? Ou é a memória (as lembranças) do que aconteceu ou a escrita desses “feitos maravilhosos”? Por quê?

Uma análise qualitativa de todas as respostas individuais dadas a essa pergunta já seria uma pesquisa completa e extensa em si própria. Desse modo, vamos prosseguir a uma análise inicial desses dados. Vale ressaltar que toda a atividade – no anexo ao final da dissertação – foi feita em constante diálogo entre professor e alunos, de modo a que cada exercício foi explicado por mim para que os alunos entendessem a discussão que eu tentei conduzir. Foi um processo consideravelmente exaustivo para que os alunos conseguissem expressar as noções e reflexões que eu estava buscando neles. Vale ressaltar também que o fato de a totalidade dos alunos estarem tendo seu primeiro contato comigo naquele instante reduz a possibilidade de influencia direta da minha parte ou do meu próprio fazer docente em suas percepções. Os raros repetentes foram instruídos a levar em consideração a sua experiência anterior ao 1º Ano do ensino Médio. Vale lembrar que o objetivo dessa “tríade” de interpretações não é restringir o raciocínio do aluno, mas conduzir o debate dentro de limites possíveis de serem discutidos e analisados em pouco tempo.

18% dos alunos responderam que a história se resume ao fato. “Aquilo que aconteceu”, uma perspectiva de compreensão da história comum no século XIX, esteve presente como “história em si” em praticamente um em cada cinco alunos⁵.

⁵ Vale ressaltar que essa “informação pura” é o falso argumento de diversos movimentos contrários a uma visão crítica da escola e da história, conhecidos coletivamente como “Escola Sem Partido”. Análises políticas, cognitivas e pedagógicas desse movimento supostamente apartidário que ataca diretamente aos professores de história podem ser encontrados facilmente na internet: <https://contraoescolasepartidoblog.wordpress.com/>.

Essa visão de uma cronologia aparentemente desconectada gera a redução do papel do estudo da história a um mero decorar de fatos e nomes e datas. Uma fração considerável de alunos – dentro de um conjunto bastante plural de respostas, como veremos mais adiante – considera a história um acumulado, erudito ou inútil de dados que não precisam ser conectados uns aos outros de modo a construir uma percepção mais plural da realidade.

14% dos alunos partem para outro vértice dessa tríade construída nesse exercício: a memória/lembança. Conhecimento tradicional, não acadêmico, transmitido de geração em geração, geralmente oralmente é, para esse grupo, o principal – talvez o único – conhecimento histórico válido. Mais uma postura complicada e limitante, que atrapalha o fazer de sala de aula do professor, que precisa desconstruir “lembanças familiares” que muitas vezes induzem a interpretações problemáticas dos “fatos” do parágrafo anterior.

8% desses alunos relacionam os Fatos à Memória, 5%, relacionam os Fatos à Escrita – o estudo formal de história – e outros 5% relacionam a Memória à Escrita. Alunos que conectam as diferentes faces do conhecimento histórico de modo fragmentado, ora negligenciando a memória como percepção popular e coletiva que conduz às escolhas políticas e sociais cotidianas, ora dando a essas mesmas memórias uma centralidade que as confunde tanto com os acontecimentos quanto aos estudos posteriores. Essas respostas demonstram o quão cognitivamente fragmentados chegam os alunos ao Ensino Médio, faltando-lhes uma visão da multiplicidade de discursos dentro tanto do estudo do passado quanto das atitudes do presente.

7% dos alunos percebem o estudo da história como central ao conhecimento. 33% chegaram à conclusão de que Fatos, Memórias e Estudos estão conectados para um conhecimento histórico “completo”. Ainda é um número muito pequeno. Estamos falando de um em cada três alunos que conseguem ter a noção da multiplicidade do conhecimento histórico, o que não necessariamente os torna capazes de articular essa multiplicidade de informações e perspectivas. Desse dado podemos concluir que é necessária uma ênfase maior num conhecimento metalinguístico da história. Entender o fazer histórico é essencial ao ensinar história na escola. Entender o que subjaz e embasa tanto o livro didático quanto os livros acadêmicos e os diferentes “revisionismos” deve fazer parte dos objetivos buscados pelo professor em seu fazer

diário. Todas as limitações de material, risco social de alunos e da escola, e uma rotina longa e exaustiva para os professores nos impedem de um trabalho mais “completo”.

O trecho de Heródoto utilizado na pergunta seguinte aos alunos está diretamente conectado ao trecho do exercício anterior, e a pergunta escrita causou alguma confusão nos alunos. Para resolver isso, foi oralmente adaptada contrastando para efeito didático o “único” e o “comum”.

“Descreverei agora o que me parece constituir a maior maravilha dessa região depois da própria cidade.” (Heródoto:1, 194)

O que são “feitos maravilhosos”? François Hartog, historiador francês atual, vai definir essa “maravilha” de Heródoto como algo de “Enorme beleza ou excessiva raridade”. As situações extremamente únicas ou extremamente belas são suficientes à escrita da História? Por quê?

23% dos alunos não conseguiram articular de forma clara qual a centralidade das situações “únicas” e “maravilhosas” em contraste com as “comuns” e “cotidianas”. Provavelmente por ter sido a primeira vez em suas vidas que eram levados a discutir tais ideias, os alunos tiveram extrema dificuldade em colocar essa resposta claramente. 18% aceitaram e concordaram com esse ponto de vista de que as belezas e situações únicas são centrais ao conhecimento histórico. Oralmente, alguns chegaram a demonstrar certo desprezo pelo valor das informações do cotidiano dentro do conhecimento histórico.

Pouco mais de metade dos alunos conseguiram articular que tanto as situações “maravilhosas” quanto as “cotidianas” são essenciais à história. 45% responderam que as situações extremamente únicas “Não” são suficientes e 19% responderam que “Ambas”, únicas e comuns, são essenciais. É um dado positivo. Contrasta com a ênfase inicial em “guerras e crises” como matéria essencial ao estudo da história. Nas palavras de um aluno, “(...) só com um pouco de conhecimento não se faz história.” Se até o exercício anterior um observador poderia considerar essa atividade como uma proposta de conhecimento erudito fechado em si próprio, a partir desse ponto fica claro, mesmo para o aluno menos dedicado, que a intenção da atividade é rever o conceito de história.

Outro aluno chegou a articular que *“Na escola, compreendo que seja estudar coisas únicas as mais importantes, já na faculdade, compreendo que seja estudar as duas coisas.”* Essa frase, mesmo que tenha sido “única” – por ironia do destino – nos induz a uma série de questionamentos, por exemplo: qual a articulação que nós

deixamos antever entre escola e universidade; qual o tipo de respostas que damos aos alunos quando estes querem “ir além”; entre outras. Esses questionamentos serão respondidos em pesquisas posteriores.

Os itens seguintes do exercício não foram analisados diretamente para essa dissertação, pois não produziram resultados quantificáveis. Muitos alunos deixaram os exercícios 7 e 8 em branco, ou com respostas incompletas. Apesar de não terem deixado dados nesse ponto do exercício, deixaram na página seguinte. Na página seguinte, a Avaliação da Atividade, os alunos ficaram mais livres em termos de tempo, para individualmente refletirem sobre a atividade, sobre o uso do texto de um historiador antigo para refletir sobre o próprio estudo da história na escola. Responderam a um questionário mais aberto que os levou a colocar as suas opiniões e lógicas cognitivas por escrito, inclusive sobre itens dos exercícios não comentados acima.

“Você achou interessante ou útil o trabalho com um texto antigo? Por quê?”

97% dos alunos aprovaram o uso de um texto antigo. Considerando que foram pequenos trechos, utilizados para discussão, e não para mera ilustração ou “confirmação” do livro didático, podemos considerar esse dado como uma vitória. Podemos perceber claramente que os alunos conseguiram perceber a validade de se buscar a fonte original de informações para se construir individualmente a interpretação dos dados e o conhecimento histórico, conforme podemos observar nas frases transcritas:

“(...)um simples fragmento de texto pode mudar toda uma opinião.”

“Porque mostrou coisas que não tinham em livros de história.”

“Porque a pessoa que escreveu estava vivendo a época.”

“Textos antigos sempre é bom para entender velhas histórias.”

“Porque sabemos como pensavam.”

Alguns alunos anteciparam a pergunta seguinte, como podemos observar:

“Sim, pois nós podemos perceber a forma que pensavam antigamente e como pensamos agora.”

“Útil para compreender o que de fato é história”

“Útil pois nos ensina a desenvolver questões e isso será necessário.”

“Eu achei bem útil porque pude ter uma noção do que é história.”

“(...)aprendi realmente o que é história”

“Porque mostrou coisas que não tinham em livros de história.”

Podemos perceber que já estavam antecipando a resposta da pergunta posterior:

Você achou interessante ou útil ler um Historiador Antigo? Por quê?

Outros alunos colocaram que:

“Interessante porque são bagagens de um historiador é legal saber como eles pensam..”

“Interessante. Pois ele tem uma visão totalmente distinta da história em comparação com o que vi/entendi até agora.”

“Porque eu conheci partes de um livro escrito por um profissional da história.”
(3 outros alunos escreveram frases semelhantes.)

“(...)achei bem diferente o ponto de vista do historiador.”
(3 outros alunos escreveram frases semelhantes.)

“Mostrou que a história é algo discutido há muito tempo.”

Podemos perceber por aí que o caráter da área do conhecimento que reflete sobre si própria, dinâmica, que se altera ao longo do tempo ficou claro para os alunos. O objetivo de demonstrar diretamente que o conhecimento histórico não é algo restrito nem tampouco repetitivo como pode parecer para alguns. Inserir o aluno do ensino médio na discussão historiográfica, quando feito gradativamente, pode sim reduzir a distância cognitiva entre o livro e o aluno.

A questão seguinte não teve respostas tão “unânimes”, porém ainda assim significativas. Mesmo as respostas negativas por vezes se revelavam positivas, como veremos após a pergunta:

O trabalho de hoje alterou a sua visão sobre a História? Positivamente ou negativamente? Por quê?

21% não tiveram sua visão sobre história alterada pelo exercício. Alguns não necessariamente justificaram o motivo de terem sua visão sobre história inalterada, ou deram respostas evasivas. Dentro desses 21%, 5% do total de alunos responderam que o trabalho “não” alterou sua visão sobre a história porque eles já tinham uma opinião positiva. Isso quer dizer que apenas 5% não se consideraram surpresos com

esse tipo de atividade. Esse dado é um indício claro de que tal atividade intelectual foi surpreendente para todos os outros. Se a surpresa foi positiva ou negativa, e se alterou ou não a visão desses outros sobre a história, é o que veremos a seguir.

Dentre os 3% negativamente surpresos houve a surpresa negativa por dois motivos. Primeiramente, por ainda terem permanecido algumas dúvidas sobre o exercício. Em segundo lugar, pois isso quebrou o pré-conceito que o aluno tinha de uma exatidão das fontes históricas que supostamente existiria. Em ambos os casos, essa negativa nos é significativa. Essa surpresa negativa demonstra que o aluno chega muitas das vezes com uma crença errônea em uma “exatidão” histórica e/ou não tem preparo intelectual para conduzir esse tipo de discussão. De ambas as formas, isso demonstra a necessidade e a validade desse tipo de trabalho no sentido de que ele pode realmente desenvolver habilidades cognitivas nos alunos.

Dentre os 112 alunos positivamente surpresos é que podemos encontrar os melhores efeitos das discussões feitas em sala, pois esses alunos colocaram exatamente os pontos discutidos como justificativa para as suas “surpresas” individuais.

“Me fez perceber que mesmo na Antiguidade, pessoas já queriam saber sobre fatos já passados.”

Quebrando o primeiro pré-conceito de que pensar historicamente não é exclusividade dos tempos atuais, é significativo ver que pelo menos um aluno percebeu a historicidade humana presente em outras temporalidades, e isso para este aluno foi uma surpresa. Isso foi dito durante a aplicação da atividade, porém escolhi começar citando isso para demonstrar que o que nos parece “óbvio” não necessariamente o é para os alunos.

“Positivamente, fez me entender ainda mais que a história não fala só de antiguidade, mas atinge também nosso tempo atual.”

Dois alunos mencionaram nesse estágio da atividade que a história conecta o passado ao presente. É significativo destacar essa frase, pois como foi visto no início da atividade, essa articulação entre “conhecimento sobre o passado” e “compreensão do presente” não é comum entre os alunos. Ao término da atividade, continuou não

sendo. Apesar desses três primeiros alunos “isolados”, teremos agora três grandes grupos de alterações positivas de visões sobre a história.

“(...) me desafiou(...)”

“(...) eu nunca me senti motivado a aprender história e eu achava desnecessário, mas é necessário(...)”

“(...) despertou em mim interesse em aprender(...)”

“Sim, minha visão foi ampliada e meus interesses sobre me aprofundar em história ficou mais intenso.”

“Posso dizer que me motivou a esquecer tudo o que já vi de história até agora e ter novas experiências.”

“Positivamente, porque despertou uma vontade de querer conhecer.”

“(...) agora acho que posso e devo me esforçar mais na matéria.”

“(...) me deu mais vontade de conhecer a história.” (+2 alunos com opinião semelhante)

“(...) agora eu posso estudar sobre ela.”

“(...) me deu mais vontade de querer saber mais sobre história.” (+2 alunos com opinião semelhante)

Temos aqui um total de 14 alunos que se sentiram “estimulados”, “motivados” ou mesmo “desafiados” pela atividade. É significativo ressaltar que o trabalho com o “primeiro” historiador, sem entrar nas polêmicas, conseguiu despertar nos jovens algum tipo de interesse no estudo da história. Pretendeu-se com esse trabalho inicial, não apenas testar uma ideia, mas também tornar a história – especialmente a “clássica” – mais inteligível ao jovem brasileiro. Nesses jovens, esse objetivo foi alcançado.

“Positivamente porque eu não achava que história poderia ser interessante assim.”

“(...) conheci o lado legal e bom da história.”

“Positivamente, porque assim eu pude ver como estudar história é bom pois a gente volta lá no passado.”

“Positivamente, pois eu achava história bem chato mas agora eu vejo que maneiro.”

“(...) porque eu percebi que a história tem seus lados bons.”

“(...) percebi que a história não é só o que eu pensava.”

“(...) a história não é só o que eu pensava que seria.”

“(...) agora eu tenho uma nova visão sobre história.”

“(...) eu comecei a olhar a história de um jeito diferente.” (+1 aluno com opinião semelhante)

“(...) pude ver a história de um ângulo bom.” (+1 aluno com opinião semelhante)

“(...) me fez ver história de um ponto de vista diferente.” (+1 aluno com opinião semelhante)

“(...) a história não é aquela coisa chata como pensava e estudei em tempos anteriores.”

“(...) parecia chato, mas não é.”

16 alunos deixaram de ter a opinião de que história “é uma matéria chata” e admitiram diretamente. Mais uma vez, percebemos aqui o efeito positivo de um estímulo ao raciocínio levando a uma quebra de estereótipo e pré conceito social e cognitivo, levando o jovem a se reconhecer como um aluno pensante, não apenas um “fazedor de provas” na base do “decoreba”. Tornar o raciocínio histórico algo possível e atraente ao jovem do século XXI é um desafio para o professor, especialmente com a grande “biblioteca” fornecida pela internet.

“(...) me mostrou várias coisas que eu não tinha pensado(...)”

“Positivamente, pois mostrou que a história vai além de somente ler livros antigos de história.”

“(...)porque agora eu sei que a história não fica presa somente a guerras civis, religiosas, e tal, a história vai além disso.”

“Positivamente, porque ampliou o que eu sei sobre história.”

“(...) abriu minha mente, esclareceu o que não tinha sido esclarecido para mim.”

“Porque eu sempre gostei muito de história e os exercícios com debate me mostraram que tem outras maneiras de debater e mostrar minha opinião a respeito dos temas.” (+2 alunos com opinião semelhante)

“(...) me fez entender.” (+1 aluno com opinião semelhante)

10 alunos mencionaram diretamente o alargamento de sua visão sobre história, do ponto de vista que novos temas e novas perspectivas se abriram em seu horizonte de expectativa cognitiva. Mais uma vez, tanto o uso do que chamamos de “fonte primária” quanto o que denominamos “historiografia” pode sim ser utilizado com jovens, cooperando para o seu empoderamento cognitivo. Com o devido planejamento, podemos perceber que o aluno pode sair da sala de aula percebendo melhor o seu papel assim como o da própria escola dentro da sua formação intelectual.

A questão seguinte era sobre motivação para estudo em sala de aula. À pergunta: “*Você se sente mais ou menos motivado a estudar História na escola depois desse trabalho? Por quê?*” os alunos foram bem otimistas. Aproximadamente quatro em cada cinco alunos responderam que “Sim”. Nos 13% que disseram que “Não”, uma resposta saltou aos olhos: “*Me sinto normal, pois história não é uma matéria muito útil no mercado de trabalho hoje em dia.*”. Esse ainda é um desafio que é necessário vencer. Nessa atividade, apenas um em 150 verbalizou esse argumento. Porém, não temos informação para quantificar quantos desse universo de alunos chegou à sala de aula nesse dia pensando exatamente isso. Nem tampouco sabemos quantos ainda

saíram com esse pensamento sobre o “mercado de trabalho”, mesmo aqueles mais motivados a estudarem história na escola.

Dentre aqueles que se sentiram mais motivados pelo conjunto da atividade, vamos analisar alguns grupos de respostas:

“Mais motivado, porque eu vi que pode ser interessante e posso passar a gostar de história.”

“Um pouco mais. Porque história não é difícil de compreender.”

“Sim, porque eu achava história chato”

Três respostas, três alunos. Poucos, mas apontando um caminho. Precisamos achar caminhos para tornar o fazer diário de sala de aula algo mais claro e estimulante aos alunos. Esse pequeno grupo deixou claro que foi mais instigante, vencendo a “chatice” que eles esperavam encontrar. Outros mencionaram que:

“(…)eu vejo a história como buscas por respostas.”

“Muito mais. Porque fiquei curiosa para saber o que a matéria pode oferecer.”

“Porque eu percebi que tem muitas coisas na história que eu ainda não estudei.”

“(…) vai muito além do que eu imaginava.”

Para esses alunos, ficou claro um alargamento da visão de “o que é história”. Um dos objetivos iniciais dessa atividade era exatamente esse. Não para motivar os alunos a seguirem seus estudos na universidade – apesar de ter perguntado isso no item seguinte – mas para manter o seu interesse em estudar por mais três anos uma disciplina que “não tem importância no mercado de trabalho”.

No último item da atividade, foi perguntado aos alunos sobre se eles se sentiram mais motivados a estudar história na faculdade. Não que esse tenha sido o objetivo, mas poderia acontecer. E aconteceu. 33 alunos em 154 disseram que sim, e dentre os 102 “não”, apenas 42 disseram ter interesse em outra área específica. Muitos não justificaram, e alguns nem responderam. De qualquer forma, criar, aumentar, e principalmente manter o interesse dos alunos durante o Ensino Médio é um desafio. Se uma atividade didática como essa conseguiu deixar um quinto do total de alunos mais interessado, esses podem se tornar, durante os anos, aliados do professor no processo de administração de turma. Repetindo-se atividades como essa, pode-se manter a motivação destes e criar em outros.

IV – CONCLUSÃO

Essa pesquisa demonstrou um relativo “abandono” da discussão sobre “o que é e como se faz história” do livro didático do Ensino Médio. O aluno do Ensino Fundamental chega à sala de aula do Ensino Médio – geralmente em uma escola diferente da que este cursou anteriormente – e lhe é pressuposta uma maturidade intelectual sem a devida instrumentalização. A visão limitada que os alunos demonstram do conceito de história poderia e deveria ser suprida por um material mais claro que realmente estimulasse a reconstrução dos conceitos sobre pesquisa e escrita da história, objetivo que dificilmente é abarcado pelo material didático distribuído no Brasil.

A atividade com o texto de Heródoto na primeira aula do Ensino Médio foi capaz de levar alunos a refletirem pela primeira vez na vida sobre os conceitos históricos, desfazendo preconceitos construídos não diretamente por seus professores anteriores, mas por todo um macrossistema que o impedia de refletir sobre o conhecimento trabalhado em sala de aula. Por respeito e estímulo à cognição e visão crítica de mundo do aluno – que deveria ser um dos objetivos principais da prática educacional diária – e não com o objetivo de “academizar a escola”, a pesquisa demonstrou que, mesmo que o aluno não perceba, “mude sua visão sobre a história”.

As respostas positivas por parte dos alunos, tanto na Atividade propriamente dita como na Avaliação demonstram que houve, sim, um efeito cognitivo positivo. O recolhimento do material didático usado pelos alunos ajudou a reconstruir parte do seu processo cognitivo e perceber – mesmo que o próprio não tenha percebido – o efeito do debate sobre o conceito de história. Mesmo encerrando a atividade considerando “chata”, pelo menos a história já é percebida como um conhecimento dinâmico. A percepção desse “dinamismo” do conhecimento histórico, feita dentro da escola regular pode, conforme demonstrado, melhorar a motivação do aluno em estudar história – o que é um desafio ao professor em um momento onde existe muita informação disponível no mundo virtual e o papel do professor fica ainda mais diminuído socialmente.

Do ponto de vista político, fora temerário considerar que a pesquisa em Ensino de História seria encerrada por um novo ciclo político autoritário. O Ensino de História é e

continuará sendo o ponto de partida de uma formação cidadã, ampla, cognitiva e politicamente relevante. História não é um conjunto de conhecimentos eruditos que servem para conduzir a sociedade para tal ou qual objetivo. O Ensino de História serve para demonstrar, na prática, como choques de projetos políticos, intelectuais e econômicos podem levar a resultados favoráveis a determinados grupos sociais em detrimento a outros. Tal pesquisa jamais será silenciada por tal ou qual projeto, pois é do ser humano a inquietação e a busca por compreensão do seu passado seja ele individual ou coletivo. O ser humano, independentemente da idade, estrato social, identidade sexual e religiosa, pode e deve ser tratado como o ser pensante que é, e deve ser levado ao crescimento intelectual e à integração social. Esse é o papel do Ensino de História.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

V.I – TEXTOS ACADÊMICOS

ANHORN, Carmem T. Gabriel. *Teoria da História, Didática da História e narrativa: diálogos com Paul Ricoeur*. in: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 64, p. 187-210 - 2012

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3 (Ciências humanas e suas tecnologias)* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

_____. *Guia de livros didáticos: PNLD 2015: História: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007

CLAVAL, Paul. *Hérodote and the French Left*. in: DODDS, Klaus, ATKINSON, David. *Geopolitical traditions: a century of geopolitical thought*. London: Routledge, 2000

FARIAS JUNIOR, José Petrúcio. *ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA FONTES HISTÓRICAS ESCRITAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA*. in: *CAMINE: Caminhos da Educação*, Franca, v. 4, n. 1, ago. 2012. ISSN 2175-4217. Disponível em: <<http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/609>>. Acesso em: 20 Jul. 2015.

FAVERSANI, Fábio *Ler e escrever: livros didáticos*. in: *Hélade*, Volume 2, Número Especial (2001). Anais do Grupo de Trabalho (GT) de História Antiga, Realizado no XXI Simpósio Nacional da ANPUH de 23 a 25 de julho de 2001. Disponível em: <http://www.helade.uff.br/Helade_2001_volume2_numero2_NE.pdf> Acessado em 28/08/2016

FELGUEIRAS, Margarida Louro. *Pensar a História, repensar o seu ensino*. Portugal, Porto Editora, 1994.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (org). “Apresentação” in *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp vii – xxv.

_____. *História do tempo presente: desafios*. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FONSECA, Selva Guimarães. *A História na Educação Básica: conteúdos, abordagens, metodologias*. In: ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO - Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7168-3-4-historia-educacao-basica-selva/file>> Acesso em 15/10/2015.

FUNARI, Pedro Paulo A. SILVA, Gleydson José, MARTINS, Adilton Luiz. (orgs). *História Antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2008.

HARTOG, François. OS ANTIGOS, O PASSADO E O PRESENTE. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

_____. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014

HERÓDOTO. *Histórias*. Trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1988.

KNAUSS, Paulo, *O desafio da ciência: modelos científicos no ensino de história*. Cadernos Cedes, Campinas (SP), v.25, n.67, p.279-295, set.-dez. 2005.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. *A história ensinada: algumas configurações do saber escolar*. in: *Revista História & Ensino*, vol. 9. Revista do Laboratório de Ensino de História da UEL. Londrina: Editora da UEL, 2003.

_____. *Didática da História e Teoria da História: produção de conhecimento na formação de professores*. In: SANTOS, L. L. de C. P. et al. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, família e comunidade*. Textos selecionados do XV Endiipe (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino), UFMG, 20-23 abr. 2010. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 479-499.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares*. Tradução: Yara Aun Khoury. In: *Projeto História n.10. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História*. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Leonardo Paiva de, ALCÂNTARA, Dhierclay de Souza, SILVA, Paulo Sergio da. *Documentos históricos como recurso didático no ensino de história*. In: *Anais Eletrônicos do V Encontro Estadual de História, CERES-UFRN, Caicó, RN, 21 a 24 de agosto de 2012/ Organização de Almir Félix Batista de Oliveira e Lourival de Andrade Jr - Natal, RN: EDUFRN, 2012* Disponível em:

<<http://www.rn.anpuh.org/evento/veeh/ST08/Documentos%20historicos%20como%20recurso%20didatico%20no%20ensino%20de%20historia.pdf>> Acessado em 27/08/2015.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Paris, 1994, Belo Horizonte, Ed Autêntica, 2012.

RIBEIRO, Tatiana Oliveira. *Ολβος: uma discussão axiológica nas Histórias de Heródoto*. – Dissertação (Mestrado) – UFRJ/ Faculdade de Letras/Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2005. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2005.

ROCHA, Helenice. *Linguagem e o conhecimento no ensino de História: alternativas curriculares e didáticas*. in: *Sæculum* (nº 15 - jul./ dez. 2006 - DOSSIÊ ENSINO DE HISTÓRIA E SABERES HISTÓRICOS) Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11358/6472>> Acessado em 27/08/2015.

ROSA, Michele. *Educação Histórica, fontes históricas e novas tecnologias: descompassos e possibilidades*. in: *ÀGORA*, Porto Alegre, Ano 2, jul/dez.2011. Disponível em: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/revistavirtualagora/educacao_historica.pdf> Acessado em 27/08/2015.

RÜSEN, Jörn. Razão Histórica. *Teoria da História I: fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. *História viva – Teoria da História III: Formas e funções do conhecimento histórico*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. *DIDÁTICA DA HISTÓRIA: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão*. Práxis Educativa. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo, Scipione: 2009.

SILVA, Glaydson José. Os avanços da História Antiga no Brasil. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300246828_ARQUIVO_Osavanco_sdaHistoriaAntiganoBrasil.pdf Acesso em 20/08/2016

SOUZA: Wendell de Oliveira. *O Programa Nacional do Livro Didático e o ensino de História (2004-2014): da Construção da Cidadania ao Pensar Historicamente*. in: *V Encontro Estadual de História, 21 a 24 de agosto de 2012*, Natal, RN / ANPUH-RN, 2012. Disponível em:

<[http://www.rn.anpuh.org/evento/veeh/ST08/O%20Programa%20Nacional%20do%20Livro%20Didatico%20e%20o%20ensino%20de%20Historia%20\(2004-2014\)%20da%20Construcao%20da%20Cidadania%20ao%20Pensar%20Historicamente.pdf](http://www.rn.anpuh.org/evento/veeh/ST08/O%20Programa%20Nacional%20do%20Livro%20Didatico%20e%20o%20ensino%20de%20Historia%20(2004-2014)%20da%20Construcao%20da%20Cidadania%20ao%20Pensar%20Historicamente.pdf)> Acesso em 15/10/2015

XAVIER, Erica da Silva, CUNHA, Maria de Fátima da. *Ensino e História: o uso das fontes históricas como ferramentas na construção de conhecimento histórico*. Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas. (8 : 2010 : Londrina,PR .) *Anais do VIII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas SEPECH* / organizado por Raquel Kritsch e Mirian Donat. Londrina: Eduel, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/ensino_e_historia_o_uso_das_fontes_historicas_como_ferramentas_na_producao_de_conhecimento_historico.pdf> Acessado em 27/08/2015.

V.II – ENTREVISTAS:

Escola sem Mordação - Professor da UFF fala sobre o movimento Escola sem Partido e suas nefastas consequências para a sociedade.

Disponível em:

<<http://www.adufrgs.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Informativo146.pdf>> Acesso em 25/09/2016

Entrevista com Fernando de Araújo Penna | "Escola sem partido" | Boletim ANPEd - Maio/2016 - Série "Conquistas em Risco"

Disponível em:

<http://www.anped.org.br/sites/default/files/images/anexo_i_oficio_anped_031_2016_e_intervista_com_fernando_de_araujo_escola_sem_partido.pdf> Acesso em 25/09/2016

V.III – LIVROS DIDÁTICOS:

ALVES, Alexandre, OLIVEIRA, Letícia Fagundes. *Conexões com a História Vol 1*. São Paulo: Moderna, 2013

AZEVEDO, Gislane Campos, SERIACOPI, Reinaldo. *História em Movimento, Vol 1*. São Paulo: Ática, 2013

BOULOS Jr, Alfredo. *História – Sociedade & Cidadania Vol 1*– São Paulo: FTD, 2013

BRAICK, Patrícia Ramos, MOTA, Myriam Becho. *História: das Cavernas ao Terceiro Milênio Vol 1*. São Paulo: Moderna, 2013

CAMPOS, Flávio de, CLARO, Regina. *OFICINA DE HISTÓRIA*. São Paulo: Editora Leya, 1ª edição 2013

CATELLI JUNIOR, Roberto. *CONEXÃO HISTÓRIA*. São Paulo: AJS, 1ª edição 2013

COTRIM, Gilberto. *História Global - Brasil e Geral Vol 1*. São Paulo: Saraiva, 2013

FIGUEIRA, Divalte Garcia. *Integralis - História, 1º Ano Ensino Médio*. São Paulo: IBEP, 2013

MARQUES, Adhemar, BERUTTI, Flávio. *CAMINHOS DO HOMEM*. São Paulo: Base Editorial, 2ª edição 2013

PELEGRINI, Marco César, DIAS, Adriana Machado, GRINBERG, Keila. *NOVO OLHAR HISTÓRIA*. São Paulo: Editora FTD, 2ª edição 2013

SANTIAGO, Pedro, CERQUEIRA, Célia, PONTES, Maria Aparecida. *Por Dentro da História, 1*. São Paulo: Escala Educacional, 2013

VAZ, Valéria (org). *Ser Protagonista: história – 1º Ano*. São Paulo, Edições SM, 2013.

VAINFAS, Ronaldo, FARIA, Sheila de Castro, FERREIRA, Jorge, SANTOS, Georgina dos. *HISTÓRIA*. São Paulo: Editora Saraiva, 2ª edição 2013

VICENTINO, Cláudio, DORIGO, Gianpaolo. *HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL*. São Paulo, Editora Scipione, 2ª edição 2013

VI.I – ANEXO 1 – ATIVIDADE APLICADA EM 09/09/2015

Colégio Hipotético – Ensino Médio – 1º Ano – Apostila de Introdução aos Estudos Históricos (5ª versão)
Aluno: _____ Turma: _____ Professor: Mauro Oliveira

O que é “Estudar História”? Vamos discutir algumas posturas do estudioso considerado o “Pai da História” e refletir sobre o que era e o que é hoje a produção de conhecimento histórico

A *“Os resultados das investigações de Heródoto de Halicarnasso são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que os feitos maravilhosos dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles se guerrearam.” (Heródoto:I,1)*

1→ A História é o que aconteceu? Ou é a memória (as lembranças) do que aconteceu ou a escrita desses “feitos maravilhosos”?

Vejamos agora esse outro trecho:

B *“Descrerei agora o que me parece constituir a maior maravilha dessa região depois da própria cidade.” (Heródoto:I, 194)*

2→ O que são “feitos maravilhosos”? François Hartog, historiador francês atual, vai definir essa “maravilha” de Heródoto como algo de “Enorme beleza ou excessiva raridade”. As situações extremamente únicas ou extremamente belas são suficientes à escrita da História?

3→ Qual seria o papel da “opinião pessoal” na pesquisa e na escrita da história? O que era “fazer história” para Heródoto? Lendo os trechos abaixo, reflita sobre o que seria esse processo de estudo:

“Contam-se muitas histórias a respeito das circunstâncias em que a vida de Ciro chegou ao fim, porém essa minha versão me parece a mais confiável.” (Heródoto:I, 214)

C *“Os lídios foram os primeiros dentre os homens (até onde vai o nosso conhecimento) a cunhar e a usar moedas de ouro e prata, e também foram os primeiros a vender mercadorias a varejo.” (Heródoto:I, 94)*

Vejamos agora esse outro trecho:

D *“Esse templo, de acordo com o que fiquei sabendo por informações ouvidas, é o mais antigo de todos os templos a essa deusa, (...)” (Heródoto:I, 105)*

- a) O que é uma “informação confiável”?
- b) “Até onde se sabe...” Como estudar algo, se faltam informações?
- 4→ c) Como “completar o quebra cabeças”, se “faltam peças”?
- d) Como selecionar as “fontes de informação”? Qual deve ser o critério?
- e) Dependendo de informações inexatas compromete ou enriquece o estudo? Até que ponto?

5→ Este esquema reproduz o mapa do mundo da época de Heródoto. Repare que “Oceano” é um Rio, que envolve a África, Ásia e Europa. Dentro das concepções mitológicas da época, e da tecnologia então disponível, era a “verdade”. Em casa, pesquise sobre o “Rio Oceano”, e outras vezes em que a Ciência foi “desmentida” por avanços posteriores.



VI.II - ANEXO 2 – AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE APLICADA EM 09/09/2015

Avaliação da Atividade

1- Você achou interessante ou útil o trabalho com um texto antigo? Por quê?

2- Você achou interessante ou útil ler um Historiador Antigo? Por quê?

3- O trabalho de hoje alterou a sua visão sobre a História? Positivamente ou negativamente? Por quê?

4- Você se sente mais ou menos motivado a estudar História na escola depois desse trabalho? Por quê?

5- Esse trabalho motivou a você a estudar História na faculdade? Por quê?

VI.III - ANEXO 3 – PLANO DE AULA DA ATIVIDADE APLICADA EM 09/09/2015

Planejamento de aula:

Professor da turma:

Nível de ensino: Ensino Médio

Série: 1º Ano

Turma:

Data:

Tempo: 100 min

Mestrando: Mauro Carvalho Brum de Oliveira

Tema da aula: Heródoto de Halicarnasso, História e a Subjetividade

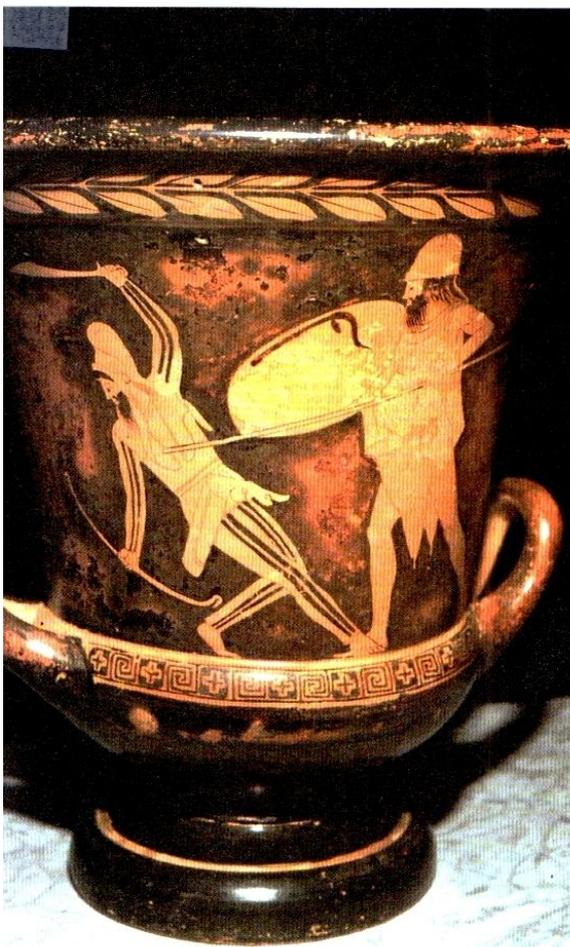
Objetivo geral: Introdução aos Estudos Históricos e o problema da subjetividade na História através do texto de Heródoto

Conteúdos	Objetivos específicos	Procedimentos didáticos	Recursos utilizados	Tempo
Introdução à Teoria da História	“O que é História?” – levar o aluno a refletir sobre a disciplina	Leitura e debate de trechos de Heródoto: 1- O professor pergunta o que os alunos pensam sobre “O que é História”. Professor coloca no quadro algumas conceitos chave do que eles falarem. Ocupando, no máximo 1/3 do quadro (5 min) 2- Professor apresenta rapidamente Heródoto de Halicarnasso, o “Primeiro Historiador” (2 min) 3- Professor distribui folha de exercício e pede para que os alunos discutam, em duplas, a pergunta do exercício 1, relativo ao trecho A (15 min) 4- Professor coleta os resultados das discussões dos alunos, oralmente, anotando as ideias principais no quadro (8 min)	Apostila extra com trechos selecionados de Heródoto – Exercício 1	30 min
	Levar o aluno à discussão sobre o que é “relevante” para o conhecimento histórico	Leitura e debate de trechos de Heródoto 1- O professor pede para que os alunos discutam a pergunta do exercício 2, levando em consideração o trecho B. Alunos discutem por 5 min. 2- O professor coleta amostras das opiniões dos alunos, oralmente, e confronta com as opiniões de outros, por 5min.	Apostila extra com trechos selecionados de Heródoto – Exercício 2	10 min
	Levar o aluno à discussão sobre o papel da subjetividade do fazer histórico Levar o aluno a compreender que a transitoriedade do resultado do conhecimento não invalida o campo de investigação.	1- Professor diz aos alunos que o próximo trecho servirá para o debate sobre o quanto podemos confiar nos relatos históricos. Os alunos são solicitados a lerem o trecho C e discutirem às perguntas do Exercício 3, por 5 minutos 2- Professor coleta oralmente as opiniões dos alunos por 5 min 3- Professor lê em voz alta o trecho D, e conduz a discussão do exercício 4 com toda a turma, guiando-os no estado atual da pesquisa histórica, situando os alunos nas discussões sobre Subjetividade e Objetividade do fazer histórico, por 10 min.	Apostila extra com trechos selecionados de Heródoto – Exercício 3 e 4	20 min
	Aplicação das teorias discutidas, em casa, para posterior debate na aula seguinte.	Como “tarefa de casa” os alunos serão solicitados a listar “verdades científicas” que caíram por terra como o Rio Oceano – Exercício 5	Apostila extra com trechos selecionados de Heródoto – Exercício 5	

VI.IV - ANEXO 4- LIVROS DIDÁTICOS E CAPÍTULOS

Livro	Menção a Heródoto	Capítulo introdutório	Heródoto no Capítulo introdutório
Conexões com a História – Ed Moderna	SIM	SIM	SIM
Por dentro da História – Ed Escala Educacional	SIM	SIM	NÃO
História: das Cavernas ao Terceiro Milênio – Ed Moderna	SIM	SIM	NÃO
História Sociedade & Cidadania – Ed FTD	SIM	SIM	NÃO
História Global - Brasil e Geral – Ed Saraiva	SIM	SIM	NÃO
História em Movimento – Ed Ática	SIM	NÃO	NÃO
Integralis – História – Ed IBEP	SIM	NÃO	NÃO
Ser Protagonista – História – Ed SM	SIM	NÃO	NÃO
História Geral e do Brasil – Ed Scipione	NÃO	SIM	NÃO
Novo olhar – História – Ed FTD	NÃO	SIM	NÃO
Caminhos do Homem – Ed Base Editorial	NÃO	NÃO	NÃO
Oficina de História – Ed Leya	NÃO	NÃO	NÃO
História – Ed Saraiva	NÃO	NÃO	NÃO
Conexão História – Ed AJS	NÃO	NÃO	NÃO

VI.V - ANEXO 5: PÁGINAS DE LIVROS DIDÁTICOS COM MENÇÕES A HERÓDOTO, NA ORDEM DE MENÇÃO NO TEXTO



The Ancient Art and Architecture Collection Ltd., Londres/TopFoto/Keystone

A invasão do território grego pelos persas, liderados pelo imperador Dario, deu origem às *Guerras Médicas* ou *Greco-Pérsicas* (veja o capítulo 9). Unidas, Atenas e Esparta expulsaram os invasores, consolidando a supremacia grega no Mediterrâneo oriental. Na imagem, vaso grego decorado com pintura que representa uma cena de batalha (século V a.C.).

(508-507 a.C.) promoveu nova e profunda mudança na organização do Estado. Clístenes dividiu a Ática em cem unidades políticas e territoriais, os *demos*, cada qual reunindo indivíduos de diferentes clãs e pessoas de várias camadas sociais. Os *demos* tinham cada um o seu chefe, o *demiarca*, escolhido por meio do voto. Os *demos* foram agrupados em dez diferentes distritos eleitorais, de modo que os cidadãos votavam ou iam para a guerra como representantes de seus distritos.

O principal órgão legislativo era a Assembleia, que se reunia a cada dez dias. Nessas ocasiões, qualquer cidadão poderia pedir a palavra e expor sua opinião ou dar seu voto em alguma questão colocada em pauta. Tais reformas deram origem à democracia em Atenas (outras cidades também adotariam essa forma de governo. Em grego, democracia significa *governo dos demos*, ou *governo da maioria*).

Embora mulheres, escravos, ex-escravos e estrangeiros representassem a maior parte da população (cerca de 360 mil pessoas numa população de 400 mil no século V a.C.), não eram considerados cidadãos e por isso estavam impedidos de participar das assembleias.

Entretanto, embora não beneficiasse a todos, com a democracia os cidadãos tinham assegurados três direitos essenciais: liberdade individual, igualdade perante a lei e direito de expressar suas opiniões nas assembleias.

A Grécia em seu auge

O século V a.C. é considerado pelos estudiosos como o do apogeu do mundo grego. Ele também ficou conhecido como *Século de Péricles*, em homenagem ao líder político que governou Atenas entre 446 e 431 a.C. Péricles contratou os melhores arquitetos e escultores da época, que ergueram tribunais, mercados, templos, teatros e ginásios. Uma das obras mais destacadas dessa época é o Partenon, templo dedicado à deusa Palas Atena, protetora da cidade.

Péricles também estimulou as artes e o teatro. Criado séculos antes na Grécia, o teatro se dividia em dois gêneros, tragédia e comédia. Entre os dramaturgos da época destacaram-se Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, autores de tragédias, e Aristófanes, que escreveu comédias.

Foi também no século V a.C. que surgiram os primeiros relatos históricos, com as obras de Heródoto e Tucídides, que abordaram, respectivamente, as Guerras Greco-Pérsicas e a Guerra do Peloponeso. A filosofia ganhou destaque com Sócrates, Platão e Aristóteles, e a medicina se desenvolveu com Hipócrates.

Filosofia e ciência na Grécia Antiga

Filosofia significa respeito ao conhecimento. E esse significado, com essa abrangência, teve origem na Grécia Antiga. Não havia uma distinção entre ciência e filosofia entre os gregos. Os filósofos, estudiosos do conhecimento, refletiam sobre as relações estabelecidas entre a natureza e os seres humanos.

No século VI a.C., nas cidades gregas da Ásia Menor, na atual Turquia, surgiu uma forma de pensar que buscava a essência das coisas, pela observação da realidade. Tales de Mileto foi o primeiro filósofo dessa fase, que passou de uma visão mitológica do Universo para uma visão denominada **cosmológica**. *Cosmos* quer dizer mundo ordenado e *logos* significa pensamento racional.

A vivência democrática em Atenas, com a necessidade de convencer os demais nos debates públicos, tornou mais importante compreender os comportamentos e as práticas que os homens deveriam adotar para dinamizar a vida na cidade. As preocupações relativas ao que é certo ou errado, ao que é belo ou feio, ao que é justo ou injusto passaram a dominar o pensamento. Daí o surgimento da filosofia ateniense, da qual os maiores representantes foram Sócrates, Platão, discípulo de Sócrates, e Aristóteles, discípulo de Platão. A importância e a influência deles sobre os filósofos posteriores é tão grande que até hoje seus pensamentos são lidos e estudados, e não apenas por filósofos.

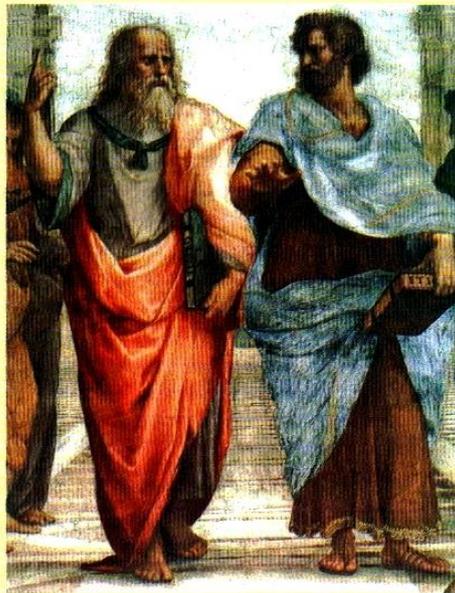
Sócrates afirmava que o fundamental era o homem conhecer-se a si mesmo. Platão registrou em seus *Diálogos* as concepções de Sócrates. Este acreditava que o homem, pelo conhecimento, poderia descobrir os princípios da justiça e do direito e, com isso, atingir a virtude.

Por meio de perguntas aparentemente simples, Sócrates fazia a juventude pensar, o que irritou os donos do poder em Atenas. O filósofo foi julgado e condenado a beber veneno. Não quis se defender das acusações porque seria como admitir um erro que não havia cometido.

No período socrático, a filosofia entende o homem como um ser dotado de razão e de reflexão. Preocupa-se com os valores morais dos indivíduos, em buscar a veracidade das coisas e estabelecer as virtudes do homem e do cidadão. Era um pensar autônomo, independente da ação dos deuses.

Aristóteles foi o precursor da Biologia ao estudar a estrutura, os hábitos e o crescimento dos animais.

A História, por sua vez, foi tratada em forma narrativa para descrever os acontecimentos. Assim, Heródoto de Halicarnasso, considerado o pai da História, coletou informações sobre as guerras greco-pérsicas. O ateniense Tucídides escreveu a *História da Guerra do Peloponeso*.



Sala da Assinatura do Pilecto Apóstolico do Vaticano. Fotografia: IDBR

Visão renascentista de Platão e Aristóteles em detalhe do afresco *A Escola de Atenas*, de Rafael, 1509.

Medicina

Também a medicina grega iniciou-se com os filósofos. Um de seus pioneiros foi Empédocles [...]. Descobriu que o sangue flui do coração e volta a ele, e que os poros da pele suplementam o trabalho das trocas respiratórias. Mais importantes foram os trabalhos de Hipócrates de Cós, nos séculos V e IV [a.C.]. Por consenso geral, ele é tido como pai da Medicina. Martelava nos ouvidos de seus discípulos a doutrina de que "toda doença tem uma causa natural e sem causas naturais nada acontece". Além disso, [...] lançou os fundamentos da clínica médica. Descobriu o fenômeno da crise na moléstia e fez progredir a prática da cirurgia. Embora tivesse um largo conhecimento das drogas, confiava muito mais no valor terapêutico da dieta e do repouso.

BURNS, Edward M. *História da civilização ocidental*. 44. ed. Porto Alegre: Globo, 2005. p. 112.

Discussão sobre o texto

1. De que modo a democracia contribuiu para o desenvolvimento da **Filosofia**?
2. Quais eram as preocupações da filosofia socrática?
3. Analise as contribuições da Medicina grega e compare-a com as práticas atuais.

4 Os primeiros historiadores

Os gregos, como outros povos, procuravam conhecer e explicar suas origens. Para isso, recorriam aos mitos e às lendas, que, em geral, descreviam as façanhas de deuses ou de heróis, dotados de poderes extraordinários. Todavia, surgiu entre eles uma preocupação em relatar acontecimentos históricos sem recorrer às narrativas míticas.

O primeiro grego que fez isso foi Heródoto (484-425 a.C.), o “pai da História”. Após passar um longo tempo viajando pelo Egito, pelo Império Persa e por muitos outros lugares, escreveu sua obra com base nas informações obtidas.

Heródoto, porém, não chegava a ser um racionalista perfeito. Deixava-se, muitas vezes, levar em seus relatos por explicações míticas e lendárias. Apesar disso, revelou uma atitude crítica em relação às fontes.

O ateniense Tucídides (460-400 a.C.) pode ser considerado o fundador da história científica. Escreveu a *História da Guerra do Peloponeso*, composta de oito livros, dos quais alguns se perderam.

Em seu trabalho não havia lugar para mitos, lendas ou deuses. Ao contrário, como ele mesmo declara, sua intenção era apresentar os acontecimentos históricos de tal maneira que sua obra jamais perdesse o valor. A certa altura, ele escreveu: “Pelo que se refere aos fatos, não me baseei no dizer do primeiro que chegou ou nas minhas impressões pessoais; não narrei senão aqueles de que eu próprio fui espectador ou sobre os quais obtive informações precisas e de inteira exatidão”. (Citado em: DEZ, Gatón; WEILER, A. *Oriente e Grécia*. São Paulo: Mestre Jou, 1964. p. 214.)



Darrell Guliv/Getty Images

Pedra com a escrita grega. O alfabeto grego foi desenvolvido por volta do século IX a.C. e é utilizado ainda hoje, tanto no grego moderno, quanto na matemática.

5 A reflexão filosófica

A palavra **filosofia** significa “amor” ou “amizade pela sabedoria” (do grego *philo* ou *philia* = amor, amizade; *sophia* = sabedoria).

Vaticano/Roma/Itália



Afresco *Escola de Atenas*, de Raphael Sanzio, 1509-1510, 500 x 700 cm. Representando a Academia de Platão e pintada por encomenda do Vaticano, a obra demonstra como a filosofia e a vida intelectual da Grécia antiga foram vistas no final do Renascimento.

Os primeiros filósofos viveram na Jônia, região da Ásia Menor, onde estavam em contato direto com as sociedades orientais, particularmente a do Egito e as da Mesopotâmia. Nessa região, destacou-se o matemático e astrônomo Tales de Mileto. Outros filósofos desse primeiro momento foram Pitágoras, Anaximandro, Heráclito, Parmênides e Demócrito. Nesse período, as principais preocupações diziam respeito à natureza do mundo e ao sentido da vida.

NÃO
ESCREVA
NO LIVRO!
USE O
CADERNO

HISTÓRIA EM DISCUSSÃO

• ROTEIRO DE ESTUDOS •

- 1 Defina o que é *sociedade complexa* e explique:
 - a) os principais aspectos que resultaram em desigualdade social;
 - b) a formação das cidades.
- 2 Explique por que o território da Mesopotâmia era intensamente disputado por diferentes populações. Para isso, considere as características físicas da região.
- 3 Relacione os recursos hídricos da Mesopotâmia com a formação de um poder centralizado entre os povos da região.
- 4 Explique como eram as relações entre os diferentes povos mesopotâmicos, do ponto de vista político e cultural.
- 5 Aponte ao menos uma contribuição de hebreus, fenícios e persas para a formação da cultura ocidental.

• DEBATENDO A HISTÓRIA •

Versões

O que você sabe sobre a Torre de Babel? Em geral, conhecemos a versão que aparece na *Bíblia hebraica*, o livro sagrado dos judeus, na qual a torre aparece como símbolo da soberba humana. Em hebraico, *babel* significa *confusão*, *balbúrdia*.

Diversos pesquisadores acreditam que a Torre de Babel bíblica seja uma referência aos zigurates erigidos na Mesopotâmia – construções monumentais em forma de torre que

serviam de templo religioso. Entre os babilônios, *babel* significava *portão do céu*.

A seguir, apresentamos dois textos: o trecho bíblico que se refere à Torre de Babel e uma descrição dos zigurates feita pelo historiador grego Heródoto, há cerca de 2.500 anos. Veja também uma pintura da época do Renascimento. Observe as diferenças existentes entre as várias formas de representar os zigurates.

A Babel bíblica

Ora, a Terra tinha uma só língua e um mesmo modo de falar. Mas (as pessoas), tendo partido do oriente, encontraram uma planície na terra de Senaar*, e habitaram nela. E disseram uns para os outros: Vinde, façamos tijolos e cozamo-los no fogo. E serviram-se de tijolos em vez de pedras, e de betume em vez de cal trçada; e disseram: Vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cimo chegue até o céu; e tornemos célebre o nosso nome, antes que nos espalhemos por toda a Terra. O Senhor, porém, desceu a ver a cidade e a torre, que os filhos de Adão edificavam, e disse: Eis que são um só povo e têm todos a mesma língua; e começaram

a fazer esta obra, e não desistirão do seu intento, até que a tenham de todo executado. Vinde, pois, desçamos, e confundamos de tal sorte a sua linguagem, que um não compreenda a voz do outro. E assim o Senhor os dispersou daquele lugar por todos os países da Terra, e cessaram de edificar a cidade. E por isso, lhe foi posto o nome de Babel, porque aí foi confundida a linguagem de toda a Terra, e daí os espalhou o Senhor por todas as regiões.

* Região localizada ao sul da Mesopotâmia e habitada pelos babilônios.

Bíblia Sagrada. Gênesis 11, 1-9. São Paulo: Paulinas, 1975. p. 28.

O relato de Heródoto

(...) uma torre maciça, com o comprimento e a largura de um estádio [cerca de 180 metros]; no topo dessa torre foi construída outra, e no topo dessa ainda outra, e assim sucessivamente até completar oito torres; a rampa de acesso é

construída externamente, em espiral em torno de todas as torres... Na última torre há um grande templo...

HERÓDOTOS. *História*. Brasília, DF: Editora UnB, 1988. p. 77.

1. Estabeleça as semelhanças e as diferenças entre os três tipos de representação dos zigurates.
2. Quais as relações existentes entre o texto bíblico e a pintura de Peter Brueghel?
3. Com bases nessas três evidências históricas e no que você estudou sobre as sociedades complexas, escreva um texto sobre os zigurates.



Torre de Babel, pintura de Pieter Brueghel, 1563.

• MÃO NA MASSA •

A importância da água

Chuvvas de verão – quanto mais intensas, maiores os problemas. Nas grandes cidades do Brasil, o trânsito piora por causa dos pontos de alagamento. Ocorrem enchentes, e muitas pessoas perdem seus eletrodomésticos, a mobília, a tranquilidade, o sono, a paz. Nas áreas de deslizamento, a situação se agrava: a água e a lama descem levando tudo o que encontram pela frente e colocando vidas em risco. Na Antiguidade, na região da Mesopotâmia, a cheia dos rios causava grandes enchentes. Essas inundações também eram motivo de preocupação dos diversos povos que se fixaram na região.

1. Apesar da ocorrência das inundações dos rios, diversos povos se estabeleceram na Mesopotâmia. Que recursos utilizaram para se desenvolver nessa região? E hoje, o que pode ser feito para que os problemas das grandes cidades, descritos no texto acima, sejam evitados?
2. Retome o box “Água: a fonte da vida” (na p. 42) e descreva a situação da água no Brasil hoje.
3. Em grupo, elaborem cartazes com dicas para evitar o desperdício e promover a preservação da água.

VOLTANDO AO INÍCIO, FECHANDO HIPÓTESES

O conceito de sociedade complexa pode ser aplicado à nossa sociedade atual. Sob este ponto de vista:

1. Explique a sociedade em que vivemos com base no conceito de *sociedade complexa*.
2. Aponte o que existe de diferente e de semelhante entre a nossa sociedade e as primeiras sociedades complexas.

■ TEATRO E LITERATURA

Os principais dramaturgos gregos foram Ésquilo (autor de *Prometeu acorrentado* e *Os persas*), Sófocles (autor de *Édipo rei*, *Electra* e *Antígona*), Eurípedes (autor de *Medeia*, *As bacantes* e *Andrômaca*) e Aristófanes (autor de *As nuvens*, *As rãs* e *Os cavaleiros*).

Eles criavam textos cômicos (as comédias) ou dramáticos (as tragédias). Os atenienses apreciavam os diferentes gêneros teatrais, e havia festivais e concursos entre seus autores.

Os gregos aperfeiçoaram o alfabeto fenício, inserindo as vogais, e o transmitiram a diversos povos. Desenvolveu-se, então, uma escrita grega que se difundiu no mundo antigo. Atualmente, em diversos idiomas encontramos muitas palavras de origem grega. Os gregos também criaram gêneros literários (lírica, epopeia e drama), dos quais derivam o romance, a novela, o ensaio, a biografia etc.

THE BRITISH MUSE ART LIBRARY/KESTONE/RETNA/ILLUSTRATION MUSEUM/UNIVERSITY OF CAMBRIDGE/BRUNO LINDO



Máscara teatral grega (século II a.C.). Os traços expressivos da máscara permitiam ressaltar o caráter do personagem, facilitando sua assimilação pelo público.

■ HISTÓRIA, FILOSOFIA E CIÊNCIAS

Na escrita da história, destacaram-se Heródoto (484-425 a.C.), conhecido como o “pai da história”, e Tucídides (460-396 a.C.).

Os gregos não inventaram a história, mas, em certo sentido, “inventaram” o historiador. Foi com Heródoto que surgiu o historiador como figura subjetiva. Sem estar diretamente ligado a um poder político, sem ser comissionado por ele, Heródoto põe-se (...) a reivindicar a narração que inicia pela inscrição de um nome próprio: o seu (...). Ele é o autor de seu logos (saber).⁴

A filosofia desenvolveu-se na Grécia Antiga por volta do século VI a.C. Nasceu promovendo o pensamento racional, a razão. O momento histórico em que isso ocorreu coincide com a formação das pólis, as cidades-Estado gregas, como Mileto, Samos, Éfeso, Eleia, Atenas etc. Essas cidades desenvolveram-se com a participação dos cidadãos que, por meio da razão, organizaram os mais diversos aspectos da vida social: o governo, a economia, a segurança, o lazer, a arte etc. Por isso, o historiador Jean-Pierre Vernant disse que a filosofia grega é filha da pólis.⁵

A palavra filosofia é formada por dois termos gregos: *filos* (amor) e *sófia* (sabedoria). A origem da palavra demonstra que filosofia não é um conhecimento pronto e acabado, mas uma busca “amorosa” do conhecimento. Para o filósofo grego Aristóteles, essa busca do saber é movida pelo desejo de vencer a sensação incômoda provocada pela ignorância. “Para escapar da ignorância, o ser humano começou a filosofar”, escreveu Aristóteles.

O saber filosófico estava voltado a todos os campos do conhecimento: matemática, astronomia, biologia, política, lógica, ética, física etc. Ao longo do tempo, esse vasto campo do conhecimento filosófico passou a merecer estudos mais definidos e especializados. Com isso, foram nascendo os diversos ramos das ciências particulares, que se desprenderam do tronco original da filosofia.

4 HARTOE, François. Primeiras figuras do historiador na Grécia: historicidade e história. In: *Revista de História*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, n. 141, 1999. p. 10.

5 Cf. VERNANT, Jean-Pierre. op. cit., p. 94-95.

Aristóteles e a lógica

Aristóteles (384-322 a.C.) foi discípulo de Platão e era dotado de grande curiosidade científica, como demonstra a abrangência de sua obra e sua influência no pensamento ocidental. À semelhança de Platão, Aristóteles também defendia a necessidade de conhecer os princípios ou ideias universais; mas discordava dele quanto ao fato de que essas ideias habitavam um mundo superior. Para Aristóteles,

essas ideias existiam nas próprias coisas, e só se podia conhecê-las por meio da **experiência**.

Enquanto Platão valorizava a razão, Aristóteles considerava indispensável o uso dos sentidos e da experiência para se chegar ao conhecimento. Com isso, Aristóteles estimulou o desenvolvimento das ciências baseadas na observação, na experiência e no registro, como a física e a biologia, a zoologia e a botânica.

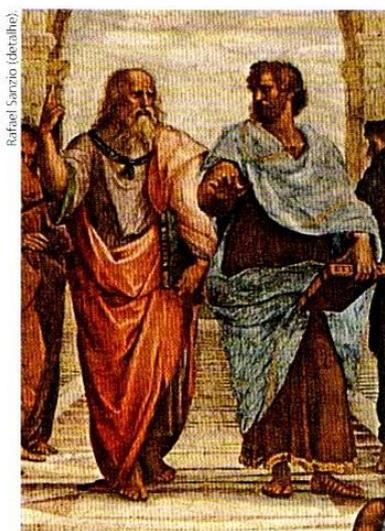
Aristóteles contribuiu também para a sistematização da **lógica**, conjunto de regras e procedimentos necessários ao desenvolvimento do raciocínio e da argumentação. Além disso, escreveu sobre arte e política; é dele a ideia de que o “homem é um animal político”.

História

Na Grécia antiga, verificou-se o desenvolvimento da História.

Heródoto viveu no século V a.C. e assumiu quase sempre uma postura crítica em suas narrativas. Ele viajou por muitos lugares em diversos continentes e optou antes por compreender os fatos do que por julgá-los, atitude própria do historiador.

Em sua principal obra, denominada **Histórias**, Heródoto investigou pessoalmente vários episódios por ele narrados e mostrou capacidade de observação e espírito crítico. Na sua narrativa, utilizou-se principalmente de fontes escritas (livros e documentos oficiais) e orais (relatos de testemunhos). Em alguns trechos da obra, porém, Heródoto reproduz crenças de sua época, como a intervenção dos deuses na vida humana.



Escola de Atenas, afresco renascentista pintado por Rafael Sanzio. Acima, no detalhe, Platão, com o dedo da mão direita erguido, acena para a importância das ideias, enquanto Aristóteles, também com a mão direita, aponta para a terra para sugerir a importância da experiência.



 **Dica: vídeo sobre a vida do historiador grego Heródoto; professores universitários dão sua versão de como a História é feita. [Duração: 25 minutos]. Acesse: <<http://ler.vc/5uydmx>>.**

Além disso, ao abordar uma guerra entre gregos e persas, mostrou-se totalmente favorável aos gregos.

Já o historiador ateniense Tucídides concentrou sua narrativa na ação humana e esforçou-se para ser imparcial. Desconfiou dos relatos que ouviu, negou a participação dos deuses no curso da História e buscou descobrir as múltiplas razões de determinado episódio.

T Medicina

Na Grécia antiga, a medicina ensaiou também seus primeiros passos. Veja o que a professora Lesley Dean-Jones diz sobre o assunto:

[...] Em meados do século V a.C., é possível identificar o desenvolvimento de uma forma científica de medicina [...]. A mágica é inteiramente evitada. Os próprios deuses só podem restaurar a saúde de acordo com as leis naturais, e estas podem ser aprendidas e aplicadas pelos humanos.

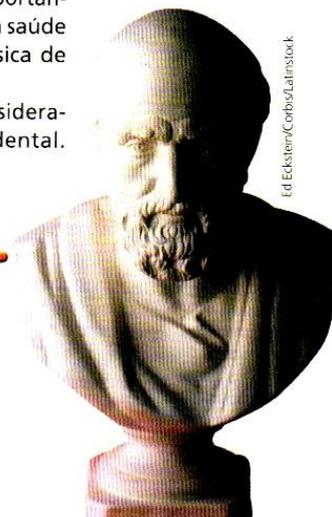
DEAN-JONES, Lesley. In: CARTLEDGE, Paul. *História ilustrada da Grécia antiga*. São Paulo: Ediouro, 2009. p. 429. (História ilustrada).

Este esforço de observação do corpo e da doença teve como principal representante Hipócrates, estudioso nascido na ilha grega de Cós, em 460 a.C. Hipócrates contribuiu decisivamente para os seguintes conhecimentos:

- as doenças possuíam causas naturais; antes dele, as doenças eram vistas como fatalidade e não havia interesse em investigar o corpo humano;
- o médico podia prever a evolução de uma doença mediante o acompanhamento de determinado número de casos;
- o estilo de vida e a dieta são importantes tanto para a conservação da saúde quanto para a recuperação física de uma pessoa.

Por tudo isso, Hipócrates é considerado o precursor da medicina ocidental.

Busto de Hipócrates, de autoria desconhecida, esculpido em mármore no século XIX.



Ed Ekstein/Corbis/latinstock



Na ilustração, vemos um médico atendendo a uma paciente e, no destaque, instrumentos utilizados pelos profissionais da época.

Mozart Couto

A Batalha de Salamina foi decisiva para o desfecho da guerra. Apesar de uma esquadra muito menor (menos da metade de embarcações que as forças persas), os gregos saíram vitoriosos. Eles divulgaram a falsa notícia de que seu Exército, derrotado, tinha batido em retirada. Os persas acreditaram e seguiram com sua frota de navios em direção ao continente, sendo surpreendidos pela esquadra grega, que os encurralou no Estreito de Salamina (entre a ilha de mesmo nome e o continente).

O uso da **trirreme**, uma embarcação desenvolvida pelos gregos, foi fundamental na vitória contra os persas. A trirreme era um barco com remos em três níveis, o que possibilitava um maior número de remadores no seu interior. Como era menor que as embarcações convencionais, com mais remadores, tornava-se mais ágil e veloz. Assim, a viga de madeira coberta com bronze, que ficava na parte dianteira da trirreme, tornava-se uma arma infalível contra as embarcações inimigas, que, sendo de madeira, não resistiram às **arremetidas** em grande velocidade. A vitória em Salamina deu aos gregos o ânimo necessário para derrotar os persas em outras batalhas, obrigando a retirada de Xerxes e seus soldados.

Uma vez afastada a ameaça persa no continente, os espartanos se retiraram da guerra, enquanto Atenas e outras cidades continuaram a luta para expulsar o inimigo do Mar Egeu e da costa asiática. As cidades mobilizadas contra os persas formaram a **Liga de Delos**, confederação presidida por Atenas. Cada cidade-membro contribuiu com homens, navios e dinheiro para o tesouro comum, que foi utilizado, em grande parte, para reconstruir e embelezar a pólis ateniense.



Réplica de trirreme construída no final da década de 1980. Ao fundo, vê-se a Ilha de Poros, na Grécia. O uso da trirreme, a mais poderosa embarcação de guerra da Antiguidade, foi fundamental para a vitória grega contra os persas.

Arremetida

Ato ou efeito de arremeter; lançar-se com intensidade ao ataque.

A Batalha de Termópilas

“Os espartanos enviaram na frente Leônidas, com seus trezentos homens, a fim de encorajar com essa conduta o resto dos aliados e com receio de que eles abraçassem a causa dos persas, vendo a lentidão dos primeiros em socorrer a Grécia. [...] Os outros aliados [...], como não esperavam combater tão cedo nas Termópilas, tinham-se limitado a enviar um pequeno número de tropas de vanguarda. [...]

Xerxes [...], depois de haver esperado algum tempo, pôs-se em marcha [...]. Descendo a montanha, os bárbaros e o soberano aproximaram-se do ponto visado. Leônidas e os gregos, marchando como para uma morte certa, avançaram muito mais do que haviam feito antes, até o ponto mais largo do desfiladeiro, já sem a proteção da muralha. Nos encontros anteriores não haviam deixado os pontos mais estreitos, combatendo sempre ali; mas neste dia a luta travou-se

num trecho mais amplo, ali perecendo grande número de bárbaros. Os oficiais destes últimos, colocando-se atrás das fileiras com o chicote na mão, impeliam-nos para a frente à força de chicotadas. Muitos caíram no mar, onde encontraram a morte, enquanto inúmeros outros pereceram sob os pés de seus próprios companheiros. Os gregos lançavam-se contra o inimigo com inteiro desprezo pela vida, mas vendendo-a a alto preço. A maioria deles já tinha as suas lanças partidas, servindo-se apenas das espadas contra os persas. [...]

Leônidas foi morto nesse encontro, depois de haver praticado os mais prodigiosos feitos. Com ele pereceram outros espartanos de grande valor [...]. Os persas perderam também muitos homens de primeira categoria [...].”

HERÓDOTO. *História*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950. p. 597 e 604. v. 2.

Quando Xerxes investiu contra a Grécia, Esparta foi uma das poucas cidades que se aliaram a Atenas para derrotar o invasor, liderando o grupo dos lacedemônios. A Batalha de Termópilas mostra o engajamento dos espartanos na guerra contra os persas, assim como o poder do Exército de Xerxes.

Outras histórias

Os garamantes

No século V a.C., o grego Heródoto viajou pelo mundo conhecido até então para testemunhar fatos e colher dos moradores depoimentos sobre acontecimentos do passado. Assim, com esse método investigativo, Heródoto lutava contra o esquecimento, procurando preservar, para as futuras gerações, os feitos e as glórias dos homens. No trecho reproduzido a seguir, ele descreve os garamantes, povo do Deserto do Saara que habitava uma região que hoje corresponde a partes da Líbia e da Tunísia.

“Acima desses povos, numa região cheia de animais ferozes, vivem os garamantes, que fogem ao contato com outros homens.

Os garamantes, povo extraordinariamente atrasado, não usam armas e nem sequer sabem defender-se. [...]

A outros dez dias de jornada partindo desse cantão encontramos outra colina de sal, tendo, igualmente, fontes de água doce e uma grande quantidade de palmeiras, que dão frutos em abundância. A região é habitada pelos garamantes, nação bastante numerosa. Os garamantes utilizam-se do sal para o cultivo, espalhando terra sobre ele e semeando em seguida. Dali ao país dos lotófagos a distância não é grande, mas há trinta dias de percurso do território dos lotófagos à região onde se veem bois de estranha espécie, que pastam e andam para trás, por terem os chifres voltados para baixo. [...] Os garamantes dão caça aos trogloditas-etíopes, servindo-se, para esse fim, de carros puxados por quatro cavalos, isso porque os trogloditas-etíopes são, de todos os povos que conhecemos, o mais veloz. Alimentam-se de serpentes, lagartos e outros répteis; falam uma língua que nada tem de comum com as das outras nações e se dizem capazes de compreender os gritos dos morcegos.”

HERÓDOTO. *História* [século V a.C.]. Versão para eBook: eBooksBrasil, 2006. Disponível em www.ebooksbrasil.org/adoabeebook/historiaherodoto.pdf. Acesso em 27 nov. 2012.



Ruínas garamantes na cidade de Germa, na Líbia. Foto de maio de 2012.

Lotófago

Segundo os gregos da Antiguidade, povo que vivia em ilhas no Norte da África, assim chamado porque se alimentava do lótus (planta).

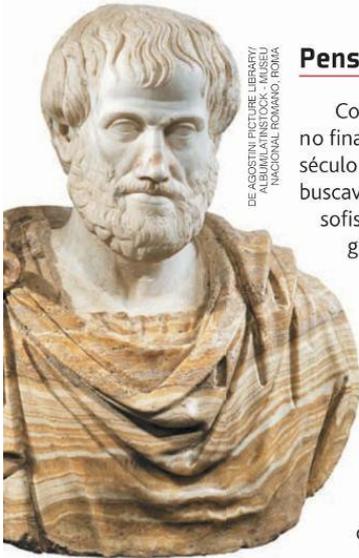
Troglodita

Habitante das cavernas.

Questões

Registre as respostas em seu caderno

1. Na descrição que Heródoto faz dos garamantes é possível encontrar algum juízo de valor? Justifique.
2. A descrição feita por Heródoto baseou-se, essencialmente, em situações que ele presenciou e em relatos ouvidos dos habitantes locais. Em que aspecto esse método de Heródoto se distancia dos relatos míticos e se aproxima da pesquisa científica? De que forma, por outro lado, seu método está distante do trabalho do historiador da atualidade?
3. Após a queda do ditador Muammar Kadafi, na Líbia, em 2011, as pesquisas arqueológicas na região foram ampliadas, trazendo à luz vestígios do povo garamante. Pesquise sobre o assunto na internet, registre os dados obtidos e os compare com o relato de Heródoto.



Aristóteles, busto em mármore. Cópia romana do século I da obra do escultor grego Lísipo, do século IV a.C. Museu Nacional Romano, Roma.

Pensamento filosófico e científico

Considerado um dos marcos da cultura grega, o pensamento filosófico desenvolveu-se no final da época arcaica e atingiu sua maior expressão no período clássico. No início do século V a.C. surgiram os **sofistas**, que negavam a existência de uma verdade absoluta e buscavam conhecimentos úteis para a vida por meio da retórica. O mais destacado dos sofistas foi **Protágoras** (c. 480-410 a.C.). Vieram a seguir os três principais filósofos gregos: **Sócrates** (470-399 a.C.), **Platão** (429-348 a.C.) e **Aristóteles** (384-322 a.C.).

Sócrates defendeu que a reflexão e a virtude eram fundamentais à vida. Por criticar as instituições políticas e sociais de Atenas, foi condenado à morte em 399 a.C. O que se sabe do pensamento socrático foi registrado por seus discípulos, principalmente por Platão.

Fundador da Academia de Atenas, Platão afirmava que o real existia no plano das ideias, ao passo que as coisas concretas, perceptíveis aos sentidos, não passavam de sombras ou projeções. A tarefa dos filósofos, segundo Platão, seria libertar os homens das impressões sensoriais para que pudessem perceber as coisas como realmente eram. Platão deixou registros de seu pensamento nas obras *A república*, *Apologia de Sócrates*, *O banquete*, entre outras.

Aristóteles é considerado o "pai da lógica". Partindo de Sócrates e de Platão, sistematizou os princípios da lógica, que ele chamou de analítica. Em sua teologia, Aristóteles procurou demonstrar racionalmente a existência de Deus, o "primeiro motor imóvel", o "ato puro".

Os gregos foram os primeiros a tratar a **história** como objeto de pesquisa sistemática, procurando separar os relatos míticos dos fatos. Heródoto de Halicarnasso (484-425 a.C.), conhecido como o "pai da história", relatou, em sua obra *História*, as Guerras Greco-Pérsicas. Preocupado em investigar os acontecimentos e o modo de vida dos povos, visitou o Egito, a Península Itálica e a Ásia Menor. Outro historiador, Tucídides (c. 460-400 a.C.), influenciou inúmeras gerações de historiadores ao escrever sua *História da Guerra do Peloponeso*.

Durante o período helenístico, merecem destaque estudos nas áreas da geografia, da matemática e da física: na **geografia**, **Eratóstenes** (275-195 a.C.), que calculou a medida da circunferência da Terra; na **matemática** e na **física**, são fundamentais as contribuições de **Euclides** (século III a.C.), criador das bases da geometria, e de **Arquimedes** (287-212 a.C.), que descobriu princípios como os da alavanca e da roldana, além de formular leis de flutuação dos corpos.

É importante lembrar!

- A civilização micênica é considerada o berço da civilização grega. Os micênicos foram os primeiros a produzir documentos escritos em uma língua próxima ao grego antigo.
- Embora os gregos possuíssem uma identidade cultural comum, a Grécia não constituía um Estado unificado, mas um conjunto de poleis, ou cidades-Estado, cada qual com uma organização administrativa, socioeconômica e política diferente.
- Na democracia ateniense todos os cidadãos participavam diretamente dos assuntos relacionados à cidade-Estado. Contudo, as mulheres, os escravos e os estrangeiros, por não serem considerados cidadãos, não tinham direito à participação política.
- Os conflitos internos foram decisivos para o esgotamento das cidades gregas, as quais, muito enfraquecidas, não tiveram condições de evitar a conquista macedônica em meados do século IV a.C.
- A cultura grega foi um dos pilares sobre os quais se ergueu a civilização ocidental. Seus mitos, padrões estéticos, obras teatrais, arquitetônicas e filosóficas estão presentes hoje na produção intelectual, artística, científica e na vida cotidiana.

» Nascimento e desenvolvimento da história

A **história** é a disciplina que estuda a vida dos homens em sociedade ao longo do tempo. Seu objetivo é compreender ações, desejos, pensamentos, sentimentos e criações culturais dos homens em diversas sociedades e variadas épocas. A própria disciplina de história tem uma longa história atrás de si, que começou na Grécia antiga.

A palavra história vem do grego antigo *historie*, que em dialeto jônio significa "investigação", e está relacionada a outras duas palavras: o substantivo *istor*, "testemunho", e o verbo *istorein*, "informar-se". Esse é o sentido usado pelo viajante grego Heródoto (século V a.C.), que escreveu uma história das guerras dos gregos contra os persas com base em testemunhos dos acontecimentos. Para Heródoto, o objetivo da história é produzir um discurso ou relato verdadeiro dos fatos, separando-o dos mitos, fábulas e lendas.

Até o advento do mundo moderno, surgiram muitas outras formas de encarar a história. Somente no século XVI, contudo, foram criados métodos para orientar a análise das **fontes históricas**, distinguindo os testemunhos falsos dos testemunhos verdadeiros sobre o passado. Por meio do contato direto com as fontes e do desenvolvimento do método crítico, os historiadores procuravam compreender toda a diversidade de usos e costumes entre os povos.

■ Novos rumos da história

A história, no entanto, ainda era considerada um gênero literário, no qual importava mais a elegância da escrita do que a objetividade do conhecimento. Isso mudaria no século XIX, quando a história passou a ser considerada uma ciência e tornou-se uma disciplina acadêmica, ensinada em escolas e universidades. Ao mesmo tempo que a história se afirmou como disciplina científica, surgiu a preocupação em preservar o patrimônio documental e material do passado, principalmente o das nações. Para conservar e divulgar a memória nacional, foram criadas instituições como museus, escolas, arquivos, institutos históricos e associações arqueológicas.

No século XX, o conhecimento histórico avançou muito. Os historiadores não se restringiam mais a narrar a história dos acontecimentos que pontuavam a memória da nação (guerras, batalhas, tratados, revoluções etc.), como no século XIX. Novas áreas de pesquisa e novos métodos e abordagens surgiram, modificando as relações entre presente, passado e futuro e transformando o modo como o conhecimento histórico era produzido. Como parte desse movimento de mudança, novos campos de estudo se desenvolveram, como a história da infância, das atitudes diante da morte, da loucura, da relação entre o homem e o clima, das roupas, das mulheres, da leitura, da amizade, e novos vestígios foram tratados como fontes históricas.

Reprodução proibida. Art. 17º do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

História e identidade nacional

Em 1838, poucos anos depois de o Brasil ter-se tornado um país independente de Portugal, foi criado na cidade do Rio de Janeiro o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Sua missão era consolidar a unidade nacional, produzindo trabalhos sobre a memória e a história do Brasil. No mesmo ano, foi fundado o Colégio Pedro II, uma instituição destinada a oferecer certo padrão cultural para as elites da corte do Rio de Janeiro e que dava destaque para o ensino de história.

Fachada do Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, em 2008, uma instituição pública de ensino administrada pelo governo federal.



■ Sofistas e socráticos

Após as Guerras Médicas, no século V a.C., o centro cultural do mundo grego se deslocou da Jônia, na Ásia Menor, para Atenas e outras regiões da Grécia. É nesse período que floresce a filosofia ateniense, e podemos destacar dois grupos importantes: os sofistas e os socráticos.

Os **filósofos sofistas** buscavam sistematizar o conhecimento e difundir-lo por meio da educação. Provenientes da camada média urbana, eles acreditavam que a persuasão era o instrumento por excelência do cidadão na pólis democrática. Por esse motivo, se dedicavam ao ensino itinerante, cobrando pelas aulas que ministravam. Suas posições filosóficas implicavam na relativização do conhecimento, o que lhes rendia críticas dos socráticos. Os principais sofistas foram Protágoras de Abdera (485-411 a.C.) e Górgias de Leontini, da Sicília (485-380 a.C.).

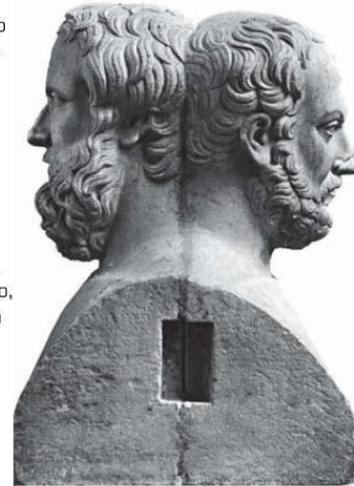
Os **filósofos socráticos** foram assim chamados devido à forte influência exercida pelo pensamento de Sócrates (c. 470-399 a.C.). Tudo o que sabemos sobre ele foi registrado por seus discípulos, pois o próprio Sócrates não deixou nada escrito. Partindo do princípio “só sei que nada sei”, dialogava com cidadãos ou escravos em praça pública sobre moral, estética, política e teoria do conhecimento. Por meio de questionamentos muitas vezes irônicos, Sócrates levava os cidadãos atenienses a reconhecer a própria ignorância, o que era, para o filósofo, o primeiro passo para atingir o conhecimento verdadeiro.

Platão (428-347 a.C.) foi o mais importante discípulo de Sócrates. Dedicou-se a refletir sobre a natureza do conhecimento e da política. Preocupava-se em formular o modelo de uma pólis justa e perfeita, governada por uma elite de sábios totalmente dedicados ao bem comum. Platão expôs esse modelo em dois livros, que estão entre as obras mais importantes da história do pensamento humano: *A república* e *As leis*.

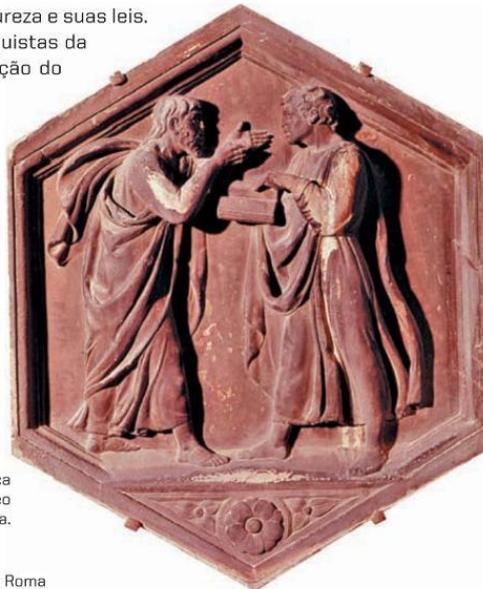
Aristóteles (384-322 a.C.) foi discípulo de Platão. Contudo, buscou superar o pensamento do mestre. Criticava a preocupação quase exclusiva dos socráticos com problemas morais e políticos, voltando sua atenção também para a observação da natureza e suas leis. Aristóteles tentou sintetizar todas as conquistas da filosofia grega, propondo uma sistematização do conhecimento humano.

- **Relativizar.** Descrever algum assunto retirando seu significado absoluto, abordando-o sob diversos pontos de vista.

Platão e Aristóteles, relevo de Lucca della Robbia, século XV. Museo dell'Opera del Duomo, Itália.



Busto duplo representando os historiadores Heródoto (à esquerda) e Lucídiades (à direita), c. 1700. Museu Arqueológico Nacional, Itália.



DAGLI ORIGINI. ART. ARCHIVOTEK/HER IMAGES - MUSEO DELL'OPERA DEL DUOMO, FIRENZA

VI.VI - ANEXO 6 – ATIVIDADE DE FEVEREIRO DE 2016

Colégio Hipotético – Ensino Médio – 1º Ano – Apostila de Introdução aos Estudos Históricos (7ª versão) – pág 1

Número do Aluno na chamada: _____ Turma: _____ Professor: Mauro Oliveira

Este exercício será recolhido. Por favor identifique-se apenas com seu número. Seu nome não será usado, mas algumas informações são necessárias:

- A. Você estudou na pré escola (maternal, jardim e etc) em: () escola pública ou () escola particular
- B. Você estudou o Ensino Fundamental I (1º ao 5º Ano) em: () escola pública ou () escola particular
- C. Você estudou o Ensino Fundamental II (6º ao 9º Ano) em: () escola pública ou () escola particular

Obrigado. Queremos avaliar o que você entende por “História” nesse exercício. Antes de responder, você terá um tempo – curto – para debater com o colega da cadeira ao lado. Responda às perguntas de modo claro e objetivo:

1- O que é “estudar história na escola” para você?

2- Sua experiência de estudar história na escola foi positiva ou negativa, até hoje?

3- Por quê?

4- O que você imagina que seja “estudar história na faculdade”?

Vamos começar a nossa experiência em ensino de história. Vamos discutir algumas posturas do estudioso considerado o “Pai da História” e refletir sobre o que era e o que é hoje a produção de conhecimento histórico. Heródoto começa seu texto com o seguinte trecho:

“Os resultados das investigações de Heródoto de Halicarnasso são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que os feitos maravilhosos dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles se guerrearam.” (Heródoto:1, 1)

5- A História é o que aconteceu? Ou é a memória (as lembranças) do que aconteceu ou a escrita desses “feitos maravilhosos”? Por quê?

Vejam agora esse outro trecho:

“Descobri agora o que me parece constituir a maior maravilha dessa região depois da própria cidade.” (Heródoto:1, 194)

6- O que são “feitos maravilhosos”? François Hartog, historiador francês atual, vai definir essa “maravilha” de Heródoto como algo de “Enorme beleza ou excessiva raridade”. As situações extremamente únicas ou extremamente belas são suficientes à escrita da História? Por quê?

- 7- Qual seria o papel da “opinião pessoal” na pesquisa e na escrita da história? O que era “fazer história” para Heródoto? Lendo os trechos abaixo, reflita sobre o que seria esse processo de estudo:

“Contam-se muitas histórias a respeito das circunstâncias em que a vida de Ciro chegou ao fim, porém essa minha versão me parece a mais confiável.” (Heródoto:I, 214)

“Os lídios[habitantes da região da Lídia] foram os primeiros dentre os homens (até onde vai o nosso conhecimento) a cunhar e a usar moedas de ouro e prata, e também foram os primeiros a vender mercadorias a varejo.” (Heródoto:I, 94)

- 8- Vejamos agora esse outro trecho:

“Esse templo, de acordo com o que fiquei sabendo por informações ouvidas, é o mais antigo de todos os templos a essa deusa, (...)” (Heródoto:I, 105)

- f) O que é uma “informação confiável”?

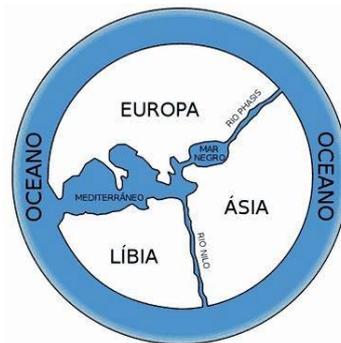
- g) “Até onde se sabe...” Como estudar algo, se faltam informações?

- h) Como “completar o quebra cabeças”, se “faltam peças”?

- i) Como selecionar as “fontes de informação”? Qual deve ser o critério?

- j) Dependendo de informações inexatas compromete ou enriquece o estudo? Até que ponto?

- 9- Este esquema reproduz o mapa do mundo da época de Heródoto. Repare que “Oceano” é um Rio, que envolve a África, Ásia e Europa. Dentro das concepções mitológicas da época, e da tecnologia então disponível, era a “verdade”. Em casa, pesquise sobre o “Rio Oceano”, e outras vezes em que a Ciência foi “desmentida” por avanços posteriores.



Avaliação da Atividade

1- Você achou interessante ou útil o trabalho com um texto antigo? Por quê?

2- Você achou interessante ou útil ler um Historiador Antigo? Por quê?

3- O trabalho de hoje alterou a sua visão sobre a História? Positivamente ou negativamente? Por quê?

4- Você se sente mais ou menos motivado a estudar História na escola depois desse trabalho? Por quê?

5- Esse trabalho motivou a você a estudar História na faculdade? Por quê?

VI.VII - ANEXO 7 – PLANO DE AULA DA ATIVIDADE DE FEVEREIRO DE 2016

Planejamento de aula:

Nível de ensino: Ensino Médio

Série: 1º Ano

Tempo: 90 min

Mestrando: Mauro Carvalho Brum de Oliveira

Tema da aula: Heródoto de Halicarnasso, História e a Subjetividade

Objetivo geral: Introdução aos Estudos Históricos e o problema da subjetividade na História através do texto de Heródoto

Material utilizado: Apostila preparada pelo mestrando com trechos selecionados do Livro I das Histórias de Heródoto

Objetivos específicos	Procedimentos didáticos	Tempo
Informações de perfil do aluno	O professor pede para os alunos preencherem as perguntas A, B e C individualmente, e preencherem apenas o número de chamada e a turma em todas as folhas	3 min
Informações sobre a relação dos alunos com a disciplina história	O professor indica a pergunta número 1 aos alunos. Alunos discutem a pergunta número 1 em 2 minutos com a sua dupla, anotam, individualmente, a sua resposta em 1 minutos, e o professor coleta algumas respostas de alunos abertamente e oralmente em 2 minutos.	5 min
	O professor indica as perguntas número 2 e 3 aos alunos. Alunos discutem as perguntas número 2 e 3 em 2 minutos com a sua dupla, anotam, individualmente, a sua resposta em 1 minutos, e o professor coleta algumas respostas de alunos abertamente e oralmente em 2 minutos.	5 min
	O professor indica a pergunta número 4 aos alunos. Alunos discutem a pergunta número 4 em 2 minutos com a sua dupla, anotam, individualmente, a sua resposta em 1 minutos, e o professor coleta algumas respostas de alunos abertamente e oralmente em 2 minutos.	5 min
Apresentação de Heródoto	Professor apresenta rapidamente Heródoto de Halicarnasso, o “Primeiro Historiador”.	2 min
Levar o aluno a refletir sobre a disciplina	O professor indica a pergunta número 5 aos alunos. Alunos discutem a pergunta em 3 minutos com a sua dupla, anotam, individualmente, a sua resposta em 2 minutos, e o professor coleta algumas respostas de alunos abertamente e oralmente em 3 minutos.	8 min
Levar o aluno à discussão sobre o que é “relevante” para o conhecimento histórico	O professor indica a pergunta número 6 aos alunos. Alunos discutem a pergunta em 3 minutos com a sua dupla, anotam, individualmente, a sua resposta em 2 minutos, e o professor coleta algumas respostas de alunos abertamente e oralmente em 3 minutos.	8 min
Levar o aluno à discussão sobre o papel da subjetividade e da objetividade no fazer histórico	O professor indica a pergunta número 7 aos alunos. Alunos discutem a pergunta em 3 minutos com a sua dupla, anotam, individualmente, a sua resposta em 2 minutos, e o professor coleta algumas respostas de alunos abertamente e oralmente em 3 minutos.	8 min
Levar o aluno a compreender que a transitoriedade do resultado do conhecimento não invalida o campo de investigação	O professor indica a pergunta número 8 aos alunos. Alunos discutem cada item da pergunta em 2 minutos com a sua dupla, anotam, individualmente, a sua resposta em 1 minuto. Esse procedimento é repetido 5 vezes. O professor coleta algumas respostas de alunos abertamente e oralmente em 5 minutos	20 min
Aplicação das teorias discutidas, em casa, para posterior debate na aula seguinte.	Como “tarefa de casa” os alunos serão solicitados a listar “verdades científicas” que caíram por terra como o Rio Oceano – Exercício 9	2 min
Avaliação da Atividade	O professor pede para os alunos preencherem rapidamente a folha de Avaliação da Atividade. Ao fim do tempo disponível, o professor recolhe todas as folhas.	16 min